

# HISTÓRIA DO GALEGO-PORTUGUÊS

ESTADO LINGUÍSTICO DA GALIZA E DO NOROESTE  
DE PORTUGAL DESDE O SÉCULO XIII AO SÉCULO XVI

(com referência à situação do galego moderno)

CLARINDA DE AZEVEDO MAIA

# HISTÓRIA DO GALEGO-PORTUGUÊS

EDIÇÃO

Imprensa da Universidade de Coimbra  
Email: [imprensa@uc.pt](mailto:imprensa@uc.pt)  
URL: [http://www.uc.pt/imprensa\\_uc](http://www.uc.pt/imprensa_uc)  
Vendas online: <http://livrariadaimprensa.uc.pt>

COORDENAÇÃO EDITORIAL

Imprensa da Universidade de Coimbra

CONCEÇÃO GRÁFICA

António Barros

IMAGEM DA CAPA

[Public domain], via Wikimedia Commons

INFOGRAFIA

Mickael Silva

ISBN DIGITAL

978-989-26-1214-0

DOI

<http://dx.doi.org/10.14195/978-989-26-1214-0>

© FEVEREIRO 2017, IMPRENSA DA UNIVERSIDADE DE COIMBRA

Clarinda de Azevedo Maia

# HISTÓRIA DO GALEGO-PORTUGUÊS

Estado linguístico da Galiza  
e do Noroeste de Portugal  
desde o século XIII ao século XVI

(Com referência à situação do galego moderno)

Reimpressão da edição do INIC (1986)

FUNDAÇÃO CALOUSTE GULBENKIAN  
JUNTA NACIONAL DE INVESTIGAÇÃO CIENTÍFICA E TECNOLÓGICA

Título – HISTÓRIA DO GALEGO-PORTUGUÊS

Autor – CLARINDA DE AZEVEDO MAIA

Edição – FUNDAÇÃO CALOUSTE GULBENKIAN  
JUNTA NACIONAL DE INVESTIGAÇÃO CIENTÍFICA E TECNOLÓGICA

Tiragem – 1 000 exemplares

Composição, impressão e acabamento – G.C. – GRÁFICA DE COIMBRA, LDA.

Distribuição – DINALIVRO • AUDIL

Fundação Calouste Gulbenkian  
© Junta Nacional de Investigação Científica e Tecnológica

Depósito Legal n.º 107658/97

ISBN 972-31-0746-5

## NOTA PREAMBULAR

A obra *História do galego-português. Estado linguístico da Galiza e do Noroeste de Portugal desde o século XIII ao século XVI. (Com referência à situação do galego moderno)* foi inicialmente publicada em 1986 na Série «Linguística» do então Instituto Nacional de Investigação Científica (INIC), tendo-se esgotado em poucos anos. Reimpressa em 1997, incluída na Série «Textos Universitários de Ciências Sociais e Humanas» da Fundação Calouste Gulbenkian e da Junta Nacional de Investigação Científica e Tecnológica (JNICT), a obra encontra-se igualmente, desde há vários anos, esgotada.

As frequentes solicitações de investigadores de vários países, às vezes distantes, que continuam a manifestar a necessidade de consulta da obra levaram a equacionar a possibilidade de uma segunda reimpressão, agora no âmbito das Publicações da Imprensa da Universidade de Coimbra: a inviabilidade de uma nova edição de um trabalho desta natureza e, além disso, tecnicamente muito complexo, e a inexistência de um outro estudo com os mesmos ou idênticos objetivos aos que orientaram a sua conceção original levaram a autora a decidir disponibilizar novamente a obra, esperando que ela continue a prestar serviços aos estudiosos de história da língua portuguesa e de história da língua galega.

Clarinda de Azevedo Maia  
Coimbra, fevereiro de 2017

«Ahora bien ¿hasta qué punto divergían, ya en este primer período, gallego y portugués? Resulta un poco pronto para decirlo. Faltan estudios sobre documentos de las dos zonas que nos aseguren una visión de la realidad idiomática más auténtica que la que los Cancioneros galaico-portugueses dejan transparentar».

PILAR VÁZQUEZ CUESTA e MARIA ALBERTINA MENDES DA LUZ, *Gramática portuguesa*. Tercera edición corregida y aumentada por Pilar Vázquez Cuesta. Madrid (Editorial Gredos), p. 196.

«(...) falta un estudio sistemático de los textos y documentos arcaicos, que podría darnos una visión real de los hechos. Habría que disponer de trabajos que recogiesen las peculiaridades lingüísticas de todas las zonas y de esta manera podríamos llegar a trazar el dominio aproximado de las peculiaridades regionales. En cuanto no se haga esto los cálculos serán provisionales».

RAMÓN LORENZO, *Gallego y portugués. Algunas semejanzas y diferencias*. In: *Filología y didáctica hispánica. Homenaje al Profesor Hans-Karl Schneider*. Hamburg (Editorial Helmut Buske), 1975, p. 157.

## PREFÁCIO

*A renovação dos estudos de História da língua portuguesa, sobretudo no que se refere ao período medieval, apoia-se necessariamente na publicação de novas fontes documentais, até ao momento inéditas, e no seu aproveitamento linguístico. De outro modo, corre-se o risco de manejar constantemente os mesmos materiais, continuando a deixar sem solução uma série de problemas extraordinariamente importantes, como são os que dizem respeito à cronologia e difusão de alguns dos fenómenos mais expressivos da história linguística do português.*

*Contrariamente ao que acontece com outras regiões peninsulares, são muitas as lacunas que ainda subsistem relativamente à história do domínio linguístico galego-português, quer no que se refere à remota época das origens, quer no que diz respeito ao período de relativa unidade linguística em toda a área que, desde o rio Douro, se estendia até ao mar Cantábrico, assim como à posterior evolução do português e do galego. Ao tentar fixar e delimitar o tema que viria a conduzir à obra que agora vem a público, atraiu-me um período particularmente interessante da história linguística do Noroeste peninsular, ou seja, o período compreendido entre os séculos XIII e XVI. Longo e árduo foi, porém, o percurso que, desde o interesse inicial por essa época, verdadeiramente decisiva para a história do galego e do português, conduziu à estruturação final deste trabalho. O primeiro e o mais difícil problema a resolver foi o do estabelecimento da edição de documentos da Galiza e do Noroeste português, a qual forneceria os materiais sobre que está alicerçado o estudo linguístico. Dada a delicadeza de certas questões a tratar — muito particularmente tudo o que se refere à interpretação grafemática dos documentos medievais, a qual se apoia fundamentalmente sobre o estabelecimento de relações entre os sistemas grafemáticos e o sistema fonológico-fonético da época a que os documentos dizem respeito — impunha-se tomar como base uma edição elaborada com toda a meticulosidade possível. Consciente de*

que a reconstrução de estados pretéritos da língua é uma questão altamente problemática e só em parte possível, foi meu desejo proporcionar, através do estabelecimento de textos fidedignos, as condições favoráveis para a análise e a interpretação do material grafemático e para a determinação das relações grafema | fonema na língua medieval.

Durante a estadia de dois anos em Espanha — desde Outubro de 1971 a Julho de 1973 — como bolsista do então Instituto de Alta Cultura, foi-me possível adquirir a conveniente formação metodológica sobre edições de textos antigos elaborados com a finalidade de servirem de base a estudos de carácter linguístico do tipo da que me propunha realizar. Depois de obtida a necessária formação científica nesse domínio, foram feitas pesquisas sistemáticas em vários arquivos — “Archivo Histórico Nacional” (Madrid), “Archivo Regional de Galicia” (La Coruña), “Archivo Histórico Provincial de Orense” e “Archivo Histórico y Universitario de Santiago de Compostela” —, havendo podido seleccionar, entre os fundos respeitantes à Galiza, cento e trinta e seis documentos notariais de carácter particular, na sua quase totalidade inéditos, correspondentes às quatro províncias galegas. Completariam a colecção trinta e dois documentos de idêntica natureza, na maior parte também inéditos, relativos às províncias portuguesas do Minho e do Douro Litoral, cujos pergaminhos originais fazem parte dos fundos do Arquivo Nacional da Torre do Tombo (Lisboa) e do Arquivo Distrital de Braga.

Se é certo que a transcrição de textos medievais é sempre uma operação sobremaneira delicada, neste caso concreto o facto de os documentos seleccionados corresponderem a uma zona muito vasta e a um período muito amplo — entre 1255 e 1516 — e, ainda, o facto de terem sido escritos por diferentes notários ou escribas acentuaram as dificuldades de interpretação e apresentação. Impôs-se, além disso, a prévia identificação dos topónimos referidos nesses documentos, a fim de poder não só apresentar uma transcrição digna de confiança e de poder aproveitar com segurança essas formas no estudo de carácter linguístico, mas também de localizar o mais rigorosamente possível cada um dos documentos inseridos na referida colecção.

Era meu desejo que o presente trabalho pudesse simultaneamente proporcionar uma edição de textos medievais galego-portugueses, não literários, e, além disso, contribuir, através de uma minuciosa análise e de uma cuidada interpretação dos materiais neles contidos, para o conhecimento do estado linguístico da Galiza e do Noroeste de Portugal durante o período indicado. Essa dupla finalidade determinou a estrutura deste estudo. O corpo principal do trabalho, constituído pelos capítulos I e II, vai precedido de uma introdução, onde são apresentadas algumas questões que ajudam a situar a investigação realizada. Nela se põe o problema de saber se, no período de que me ocupo,

*haveria distinção entre a língua falada a norte e a sul do Minho. Essa questão concreta, respeitante à zona estudada, é inserida numa problemática mais vasta e muito actual: o problema das relações entre a língua escrita de documentos medievais não literários e a língua falada nas regiões a que se referem.*

*No capítulo I, depois de apresentar as normas de transcrição aplicadas, de descrever os critérios seguidos na localização dos documentos e de formular algumas observações críticas sobre anteriores edições de documentos não literários da Galiza e de Portugal, apresenta-se uma edição de cento e sessenta e oito documentos da área galego-portuguesa, cronologicamente seriados entre 1255 e 1516, e que constituem o núcleo do presente estudo. Segue-se o capítulo II, intitulado Estudo linguístico, que abarca três partes fundamentais, correspondentes aos domínios abrangidos: o estudo da grafia, feito através da determinação do valor dos diferentes grafemas utilizados, a fonética histórica e a morfo-sintaxe (1). Através da discussão suscitada pelos problemas postos, procurou reconstruir-se, na medida do possível, a situação linguística do Noroeste peninsular durante o referido período, estabelecendo-se, com essa finalidade, frequentes confrontos com outros textos publicados correspondentes a várias regiões peninsulares. Além disso, a propósito das particularidades mais expressivas reveladas por uma exploração sistemática dos documentos medievais, estabeleceram-se, com frequência, comparações com a situação do galego actual (2) e com as modernas variedades regionais de Entre-Douro-e-Minho.*

---

(1) Seria interessante — mas não comportável nos limites do presente trabalho — elaborar um glossário de todas as formas registadas nos documentos publicados neste livro; a multiplicidade de variantes fonéticas ou simplesmente gráficas e a sua seriação cronológica tornariam a sua organização extremamente morosa. Acresce ainda que, para fazer a história de algumas palavras, era inevitável estabelecer confrontos com outras formas registadas em textos medievais da Galiza ou de Portugal ou de outras regiões peninsulares. Todas essas circunstâncias fariam com que o resultado desse trabalho fosse extremamente volumoso. Uma vez que não foi possível inserir um estudo do vocabulário, era minha intenção proporcionar ao leitor um índice de todas as formas comentadas ou simplesmente citadas no estudo linguístico, de modo a permitir o máximo aproveitamento das páginas deste livro. Contudo, dificuldades de carácter orçamental não permitiram a concretização deste propósito: a abundância de variantes acima referida tornaria esse índice muito extenso e não compatível com a verba atribuída à publicação desta obra. Por esse motivo, para facilitar ao leitor a sua consulta, apresentou-se um índice geral o mais completo e pormenorizado possível.

(2) Com a finalidade de conhecer o galego moderno, não só foi intensamente manuseada a mais importante bibliografia dialectal da Galiza como se fizeram algumas explorações *in loco* em várias povoações galegas, a fim de proporcionar um contacto directo com a linguagem falada nessa região.

## 1271. La Guardia.

*João Peres, morador em La Guardia, doa ao mosteiro de Santa Maria de Oya as vinhas que possui ou vier a possuir em Fornelos.*

In Dej nomine, amē. Cunuzuda coufa feya a quãtoſ esta viren que eu, Joã Perez, morador da |<sup>2</sup> Garda, dicto da Porta, por m̃j z por toda ma uoz dou z doo z outorgo ao moesteyro de Sancta Maria d'Oya quantaf |<sup>3</sup> vinal ey z quantaf gaanar ena villa de Fornelos assy de ma madre como dou-trof; doulaf en tal condizõ a Sancta |<sup>4</sup> Maria que eu tena ellaf en mina vida z nõ naf possa vëder nē enpenorar nē enallear per nulla maneyra |<sup>5</sup> en toda ma vida z a meu passamēto fiquen quitaf z liures ao dicto moesteyro z esta doazõ fazo por ma |<sup>6</sup> alma z de meu padre z de meuf deuedores z quē contra doazõ quãffer passar aya a ma maldizõ z a de Deus |<sup>7</sup> z quanto coomar tanto peyte dobrado ao dicto moesteyro z ao senor da terra .C. soldof peyte z esta doazõ sen|<sup>8</sup>pre feya outorgada. Feyta carta .XVij. diaf andados do mes d'Agosto. Era .M.<sup>a</sup> CCC.<sup>a</sup> Viii.<sup>a</sup>, Reynãte |<sup>9</sup> en Leõ z en Castela rey Donaf-fonso, bispo en Tuy don Gil, endeãtado en Galliza don Esteuóo |<sup>10</sup> Fernan-dez, rricome en Thorono, don Joã Fernandez, juyz ena Garda, Joã Perez; alcaydef: Vidal Eanef z Ramiro |<sup>11</sup> Fernandez; mayordomo Vááfco Reymo-dez. Disto forum testemoyaf don Giraldo, prelado da Garda; Pedro Domí-guez, |<sup>12</sup> ferreyro; Marti Ramiriz; Pedro Zaruuelo; Pedro Mãzebo de Froyaef z feu fillo Joã Perez. |<sup>13</sup> Eu Joã Eanef, notario jurado da Garda, presente fuj ena doazõ z esta carta efcruij z meu final |<sup>14</sup> puge en ella. (Signo).

A. H. N. Oya (Pontevedra). Bernardos. Santa Maria. Pasta 1803, n.º 10. — 180 × 115 mm.

## 1278. La Guardia.

*Fernão Soares doa ao mosteiro de Santa Maria de Oya uma vinha que herdou de sua mãe em Ferreiros.*

Era .M.<sup>a</sup> CCC.<sup>a</sup> XVj.<sup>a</sup>, iij.<sup>o</sup> diaf ante Kalendas Juyaf. Conosçuda coufa feya a quantof |<sup>2</sup> esta carta viren que eu Ffernã Suarez de Fferreyrof por m̃j z por toda ma |<sup>3</sup> uoz dou z outorgo pera senpre en doaçõ z por mina

alma ao moefteyro |<sup>4</sup> de *Sancta Maria* d'Oya a ma vina de *Fferreyrof* que eu ouue de ma madre *Maria Perez* |<sup>5</sup> affy como yaz murada z marcada z yaz ontre vina que foy de Nuno |<sup>6</sup> *Miguell* z a outra vina de *Pedro Mēēdez* de Paaçóo z dou effa vina ao dicto |<sup>7</sup> moefteyro en tal guiffa que lla nūqua poffa toller nē enallear nē en ma vida |<sup>8</sup> nē despoſ ma morte por muyto ben z por muyta merçéé que rreçebj do |<sup>9</sup> dicto moefteyro z do abbade dom Loureço z outrossy llj dou .xij. ouellaf per |<sup>10</sup> effe mééfme pleyto que llaf nūqua poffa toller; z fe alguẽ *contra* doaçom quiffer |<sup>11</sup> paſſar, quanto demãdar tâto peyte doblado ao dicto moefteyro z eſta doa|<sup>12</sup>ço feya outorgada para todo ſenpre. |<sup>13</sup> Diſto forõ teſtemoyaf Don Johane Eaneſ, çelareyro d'Oya; Johã *Pelaez* d'a par |<sup>14</sup> do Caſtelo da Garda; Joham *Perez*, dicto Zorreyno; Johã Vello de Loufezo; |<sup>15</sup> *Domigoſ Perez* z Johã Moteyro da Pada z ffrey Martĩ, frade de Maram. |<sup>16</sup> Eu Johane Eaneſ, notario jurado da Garda, preſente fuy z rogado do dicto |<sup>17</sup> *Ffernã Suarez*, dicto Fol, z eſta carta eſcriuj z meu final puge en ella que tal eſt. (*Signo*).

A. H. N. Oya (Pontevedra). Bernardos. Santa Maria. Pasta 1806, n.º 9. — 140 × 125 mm.

Linha 10, *nūqua*: ausência de til. — Linha 14, *Loufezo*: possivelmente falta o til sobre a vogal da segunda sílaba. Tratar-se-á do lugar de *Loucenzo*, freg. de Santiago de Cerceo, mun. de Lalín?

## 97

1280. Bayona.

*O abade e o mosteiro de Oya arrendam a Pedro Eanes e a sua mulher Marina Anes, por período de dez anos, a casa, a herdade cercada e a vinha que possuem em Bayona.*

Cunufçuda coufa feia a todos que nos ffrey Iohane, abbade do moefteyro de Oya, enfenbra cono |<sup>2</sup> prior Martĩ *Perez* z cono cõuento deſſe miſſmo lugar a uos Pedro Eanes de Bayona, genrro |<sup>3</sup> de Johan da Veyga de Tuy, z a uoſſa moller Marina Anes damos z outorgamos por ren|<sup>4</sup>da deſte dia atã dez anos primeyros uíjdeyros a noſſa caſa que auemoſ ena vila de Bayona |<sup>5</sup> en que morou Martĩ *Perez*, dito Gago, cono ſeu ſobrado z cona outra caſa como uem áá |<sup>6</sup> ria dá Áréa z cõ ſua choufa como leua en boca eſſa caſa z cona vina que eſtã en eſſa |<sup>7</sup> choufa affi como ora ſtã diuífada z murada á átal preyto que uos ou cada ún de uos |<sup>8</sup> dedef a noſ cada ano dez libras de dñeyros blãcos deſta moneda noua blãca a rrazõ de |<sup>9</sup> quarécnta dñeyros por

liura ou a quantia deles e aof .X. anos cõpridos que fiquen a nos a dita |<sup>10</sup> cafa e a choufa cona vina que en ela ftá liure e quita fem embargo nj ún affj |<sup>11</sup> como for mellorada e feytiada e eno dito termino en que a auedef de téer que a nõ |<sup>12</sup> poffadef uender nẽ enallear nẽ enpeñorar; of quaf dez anos defufu ditos que am |<sup>13</sup> de uír fe deuẽ a contar defte dia ena era defta carta ata of .X. anos defufo |<sup>14</sup> ditos. Ffeyta a carta no moefteyro dauandito, era de mill .CCC. e dez e oyto |<sup>15</sup> anos, iiij dias de Abril. Que prefentef forum e fum teftes: dom Johan do Ramo, pre|<sup>16</sup>lado da ygleia de Bayona; Johan Domjguiz, prelado da ygleia de Rofal; Petro Perez, dito Coftas, |<sup>17</sup> prelado da ygleia de Mata Máá; Ruy Perez, dito Feltrello; Petro Efteuez, cellareyro do |<sup>18</sup> moefteyro dauandito. Eu, Ffernã Uidal, per mandado de Vidal Domjguiz, notario plubico |<sup>19</sup> del Rey en Bayona e no val de Miñor, efta carta efcriuj.

|<sup>20</sup> Eu Vidal Domjguiz, notario plubico del Rey en Bayona e enno val de Miñor, |<sup>21</sup> iinfto prefente fuy e per meu mandado Ffernã Uidal efta carta efcreueu |<sup>22</sup> e eu meu final hj pugi. (*Signo*).

A. H. N. Oya (Pontevedra). Bernardos. Santa María. Pasta 1806, n.º 12. — 175 × 185 mm.

Linha 6, *ria*: palavra de leitura pouco segura. A segunda letra está emendada e pouco clara. Ou tratar-se-á antes de *rua*? — Linha 14, *dez*: e escrito sobre outra letra inutilizando-a. — Linha 20: a palavra *Rey* encontra-se escrita acima da linha.

*Mata Máá*, l. 17: provavelmente San Pedro de Matamá, freg. do ayunt. de Bouzas, part. jud. Vigo.

1280. Deza.

*Gonçalo Gomes, estando doente, faz um legado de seus bens.*

Era de mill e CCC. of e XVij. annof, o primeyro dia de Dezebrom. Conoçuda coufa fea |<sup>2</sup> a todos que eu Gonçaluo Gommez, caualleyro, ffeendo doente cõ todo meu fífo e cõ toda mia |<sup>3</sup> memoria, ffaço e ordeno mia mãda e ftabelefco mias coufas affy que depois de mia morte |<sup>4</sup> fiquẽ bem ordenada. Primeyra mente mãdo meu corpo e mia alma a Santa Maria d'Offeyra |<sup>5</sup> ou em aquel lugar que meu padre dom Gommez por bem teuer. Et mãdo a Santa Maria d'Offeyra |<sup>6</sup> o meu quiñõ de quanto rreerezer en aquela herdade que tem de mñ a pignor mia coyrmáa Coftança |<sup>7</sup> Arias en Çhaçim e en Beyro e ffom dõus cafaref. Et a cabo de çinq(uo a) nnos que os ella a de

téer |<sup>8</sup> ffluquē liures a Ofseyra. Et ffaço meu eréé cõpridor z doutor de todos meuf bééf meu padre |<sup>9</sup> dom Gommez z que fea fsem seu dāpno. Et rrogóo por Deuf z por mefura que ffaça y o ffeu dereyto. |<sup>10</sup> Et quē *quer que contra* esta mia mada quifer passar peyte a este meu yréé mill mor. da bõa moeda |<sup>11</sup> et a mada estey en sua rreuor. Testes: Ofsoyro Eannef de Oraço, caualleyro, z seu fillo Gonçaluo Oforez |<sup>12</sup> z Ffernarn Eannef, escudeyro de Çeruania; Gonçaluo Percz, escudeyro de Verres. Item testef a que esta |<sup>13</sup> mada ffoy monfrada: a Miguel Vimãçe, notario de Deça; Laurẽço Arias; Pedro Ffernandez z Laurẽço Perez |<sup>14</sup>, mōgef de AÇyueyro. Et eu Saluador Paez efcriuy esta carta per mādado de Miguel Vimãçe, |<sup>15</sup> notario de Deça.

|<sup>16</sup> Eu, Miguell Uimãçe, notario jurado en Deça, presente foy z vi o |<sup>17</sup> padrõ desta mada; Saluador Paez de meu mādado trafladou i mia *preferença* de veruo a ueruo fielmente. (*Signo*).

A. H. N. Oseira (Orense). Bernardos. Santa Maria. Pasta 1536, n.º 3. — 180 × 170 mm.

Distinção pouco clara entre *ξ* e *ç*. — Linha 9, *me fura*: a primeira letra está um pouco rota, mas distingue-se ainda tratar-se de um *m*. — Linha 11, *Gonçaluo*: a penúltima letra encontra-se bastante apagada.

*Çeruania*, l. 12: provavelmente San Salvador de Cerbaña, freg. do ayunt. de Chapa, prov. Pontevedra. *Verres*, l. 12: San Vicente de Berres, freg. no ayunt. de La Estrada, part. jud. Tabeirós, prov. Pontevedra. *Deça*, l. 13, 15; *Deça*, l. 16: Deza, antiga jurisdição na província de Pontevedra, situada entre o rio do mesmo nome e o Arnego.

1281. Bayona.

*D. João do Ramo, prelado da Igreja de Bayona, e D. João d' Areas, cónego de Tuy, renunciam a todos os direitos sobre os bens legados ao mosteiro de Santa Maria de Oya por paroquianos da Igreja de Bayona.*

Cunufçuda coufa feia a todos *que* en *preferença* de m̃ Vidal Domjguiz, notario publico dado del Rey en Bayona z no |<sup>2</sup> val de Miñor, z das *testes que* de iuso sum efcriptas *que* como fosse contéenda ontre dom Hanrrique, abbade do moesteyro |<sup>3</sup> de Oya, z o conueto desse lugar en una *parte* z dom Johan do Ramo, prelado da eygleia de Bayona, z dom |<sup>4</sup> Johan d'Areas, coygo de Tuy, téente a meya dessa eygleia de Bayona da outra *parte*, por razõ dūna *quantia* |<sup>5</sup> de *dineyros que* llj o dito abbade dom Hanrrique e o

conuento dauanditos demandauã z bufcauã aof ditos don Johan |<sup>6</sup> do Ramo z dom Johan d'Areas en razõ de encenffloria que o abbade e o conuêto dauanditos am en effa eygleia de |<sup>7</sup> Bayona z por razõ de mandas dof ffrijgueses da eygleia de Bayona que fezerũ sua fepultura algúuf no moef|<sup>8</sup>teyro dauandito ata o dia d'oge na era defta carta que of ditos dom Johan do Ramo z dom Johan d'Areas diziã que |<sup>9</sup> de todalaf mandas que of feus ffrijgueses de Bayona cõfigo mandarã ao dito moefteyro de Oya dauandito affi de pa|<sup>10</sup>nos como de dineyros como de casaf z de herdade z doutraf coufas que de todal auã d'auer a meyadade por razõ da dita |<sup>11</sup> eygleia de Bayona áá cima de tod' ifto uêr áatal conpofizõ z áatal auijnça en tal maneyra que o dito dom abbade dom |<sup>12</sup> Hãrrique z o conuêto dauanditos differũ z outorgarũ que of dineyros que of ditof dom Johan do Ramo z don Johan d'Areaf |<sup>13</sup> ouuerũ de dar por razõ da encẽffloria da renda deffa eygleia de Bayona ata dia de Sam Johane Babtifta primey|<sup>14</sup>ro que a de uijr mays achegado na era defta carta que todof erã moy bẽ pagadof z entregadof. Et def dia de Sam |<sup>15</sup> Johane Babtifta primeyro que a de uijr mays achegado adeante que of ditof dom Johan do Ramo z dõ Johan d'Areaf lj deffem |<sup>16</sup> en razõ da renda que lj am de dar da dita eygleia de Bayona a quantia defta moneda dof dineyros alffon|<sup>17</sup>fiiif dof da primeyra guerra |<sup>17</sup> a rrazõ de quatro por úún dof leonefef z por úún foldo quatro z ifto foffe entramente aplougueffe ao abbade z ao conuêto da|<sup>18</sup>uanditof. Et of ditos dom Johan do Ramo z dom Johan d'Areaf, por ifto que de fufo dito é que o abbade z o conuêto |<sup>19</sup> dauanditof lif fezerũ, como diz en cima, differũ que outorgauã z quitauã todo dereyto que aujã ou auer poderiã contra |<sup>20</sup> o abbade z o conuêto dauanditof de Oya ata o dia d'oge na era defta carta por razõ de mandaf dof ffrijgueses feuf |<sup>21</sup> da dita eygleia de Bayona que forũ ata aqui que sua fepultura fuy no dito moefteyro. Et renufçarũ todo dereyto z to|<sup>22</sup>da eyxeyçõ que nũca elef nẽ outrẽ por elef por effa razõ podeffem demandar ao dito abbade neno conuêto da|<sup>23</sup>uandito affi de dineyros como de panof como de casaf z de herdade z outraf coufas que ao dito conuêto ffoffem mãdadaf |<sup>24</sup> dof frijgueses da dita eygleia de Bayona ata o dia d'oge na era defta carta; z outorgarũ as |<sup>25</sup> partes que cada úún delef que contra ifto quiffesse paffar z que o nõ quiffesse aguardar, como diz en cima, que peyte áá outra |<sup>26</sup> parte duzêtof mar. d'alffon|<sup>27</sup>fiiif por pea z a carta fique en fua reuor. Ffeyta a carta no moefteyro de Oya |<sup>27</sup> dauandito .XVij. dias de Mayo, era de millefima .CCC.<sup>a</sup> XIX.<sup>a</sup> anos. *Teftes:* dom Martĩ Fernandez, priol do moefteyro |<sup>28</sup> dauandito; Martĩ Miguel, cellareyro; dõ Johan Periz z Martĩ Periz, munges do dito moefteyro; Johan de Deuf prelado |<sup>29</sup> da eygleia de Burgueyra; Ruy Periz dito Feltrello; Martĩ Periz, feu hirmao; Petro Periz, fillo de Petro Sardom. |<sup>30</sup> Eu Ffernã Uidal, per mãdado de Vidal Domjguiz, notario plubico del Rey en Bayona z no val de Miñor, |<sup>31</sup> effa carta efcriuj.

<sup>32</sup> Eu Vidal Domínguez, notario de fufu dito, iinfto prefente fuy z, per meu mädado, Ffernã Uidal eſta carta eſcreueu z eu meu final y pugj. (*Signo*).

A. H. N. Oya (Pontevedra). Bernardos. Santa Maria. Pasta 1806, n.º 13. — 185 × 235 mm.

Linha 8: a última forma desta linha é a abreviatura usada habitualmente com o valor de *quen*. Observe-se que na terminação da forma verbal *fique* (l. 26) o notário usa a mesma abreviatura. Num e noutro caso o sentido do texto exige as formas usadas na transcrição. — Linha 11: pelo sentido parece ter havido um salto entre *eygleia de Bayona e dá cima de tod' iſto*. — Linha 23, *ao*: no manuscrito, *oa*.

*Burgueyra*, l. 29: San Pedro de Burgueira, freg. no ayunt. de Oya, part. jud. Tuy. Situada na cadeia montanhosa que separa o vale de Miñor dos de Tuy e Rosal. Dessa freguesia faz parte o lugar de Burgueira.

## 100

1282. Tebra.

*Maria Peres e sua sobrinha Maria Fernandes trocam com Fernão Eanes, dito Calvo, e com sua mulher uma casa velha com seu terreno no lugar de Casás pela vinha de Navascos.*

Sabyã quantos eſta carta uirẽ como nos Maria Perez z Maria Fferrnandez, mia fobri<sup>2</sup>na, con noſſos maridos, Martj Iohanaf z Pedro Eanef, prefentes e outorgãtes, <sup>3</sup> z toda noſſa uoz a uof Fferrnã Eanef, dicto Caluo, e a uoſſa moler Maria <sup>4</sup> Iohanif e a toda uoſa uoz damof z pera todo tenpo ſenpre octorgamos en câba <sup>5</sup> a ſſefega da caſa uedra cõ ſeu terreo aſy como yaz marchada eéſe logar <sup>6</sup> que chamã de Caſááef que foy de Maria Iohanef, noſſa madre, pola vina de Nauaſcof <sup>7</sup> que uof cõpraſtes a Dõ Méendo de Caſááef ende o uoſſo quiñõ. Octroſy a tercza <sup>8</sup> do paradineyro cõ ſua madeyra por oeytéenta z cзинqui ſoldos moeda blã<sup>9</sup>ca de dyneyrof affonfiif do tẽpo da gerra que de uof recebemos ayades uof <sup>10</sup> eſſa ſobredicta câba eéſa uendiczõ uof z toda uoſſa uof pera todo ſen<sup>11</sup>pre. Et ſe alguẽ ueér de noſſa parte ou dé éſtrana que o noſſo feyto queira cõrõper <sup>12</sup> a maldiczõ de Deus aia e a noſſa z cõto demãdar atãto page dobra<sup>13</sup>do e a que uoſſa uoz derdes peyte duzẽtos ſoldos de pea. Feyta a car<sup>14</sup>ta quatroze dias andados de Setẽbro. Era de mil z trezẽtos z viintj <sup>15</sup> anos. Que prefentes forõ: Johan d'Agjar; Johan Perez; Domĩgof Martinz; <sup>16</sup> Lourẽczo Eanef; Iohanef Perez. Eu Pedro Eanef, notario jurado de Tebra <sup>17</sup> z de Minor per mädado de Fferrnã

Ferrnãdez, notario per carta do Infante |<sup>18</sup> dõ Sancho en terra de Toroño aquifto foy chamado z rogado da par|<sup>19</sup>tes z meu final pugy que est atal. (*Signo*).

|<sup>20</sup> Et noff sobreditof Maria Perez z Maria Ffernandez conoffof maridof |<sup>21</sup> sobreditos, Martj Iohanel, dito da Maya, z Pedro Eaneſ, dito du Burreal, |<sup>22</sup> moradoreſ d'Ãta, deuemoſ a enparar o dito Ffernã Caluo z ſua mol|<sup>23</sup>ler Maria Iohaneſ z toda ſua uoz enparar per quãto auemoſ en Ãta, en Te|<sup>24</sup>ur, (.) Tebra pera todo ſenpre enquãto for o mũdo eſtauil.

A. H. N. Oya (Pontevedra). Bernardos. Santa Maria. Pasta 1806, n.º 19. — 135 × 160 mm.

Linha 2, *Iohanas* (sic!). A palavra está escrita, sobre local raspado, e com tinta mais clara, igual à da parte final do documento, a partir da linha 20. — Linha 3, *dicto*: sinal de abreviatura supérfluo. — Linha 11, *alguẽ*: escrito, de forma abreviada, *alq̃*. — Linha 11, *dé éſtrana*: no original manuscrito as duas formas estão unidas. — Linha 12, *Deuſ*: a vogal *u* aparece repetida, pois surge na parte da palavra escrita por extenso e na abreviatura da sílaba final. — Linha 15: a forma *Johan* aparece duas vezes escrita *Johnã*. — Linha 18, *terra*: com sinal de abreviatura supérfluo. — Linhas 21 e 22: a forma *dito* aparece registada com sinal de abreviatura. É difícil saber se se trata de um sinal supérfluo, uma vez que também *dicto* (l. 3) e *Jobredicta* (l. 10) aparecem com o mesmo sinal ou se aquela forma deveria desdobrar-se em *dicto*. — Linha 24, *Telur*: a penúltima letra encontra-se bastante apagada; parece *u*. Na mesma linha, entre essa forma e a palavra Tebra, há um pequeno intervalo e algo um pouco apagado; trata-se possivelmente de *z*.

## 101

1283. Bayona.

*Pedro Peres, de Bayona, restitui ao abade do mosteiro de Oya as casas e a cortinha que foram de Maria de Deus, situadas naquela vila.*

Conoſçuda coufa feia a todos que en preſença de mĩ Vidal Domíguiz, notario plubico do concello de |<sup>2</sup> Bayona de Mior z daſ teſtimuyas que de iufo ſon eſcriptaſ, Petro Periz de Bayona, fillo de don Petro |<sup>3</sup> de Vilaça, eſtando na villa de Bayona na curtiña que fuy de Maria de Deuſ diſſi que el |<sup>4</sup> entreguaua a dita curtiña z aſ caſas que eſtan a par deſſa curtiña que forum de Maria de |<sup>5</sup> Deuſ en que ella ſuhia a morar quando paſſou; que aſ caſas z a dita curtiña que aſ entregaua |<sup>6</sup> a don Henrique, abbade do moeſteyro d'Oya, por eſſe moeſteyro d'Oya por que erã z ſon ſuaſ |<sup>7</sup> a dita curtiña z aſ ditaſ caſas; z o dito abbade don Henrique eſtando preſente na dita

|<sup>8</sup> cortina, o dito Pedro Periz filou vun nabo *con* fuas uerffas na mao da dita cortina |<sup>9</sup> z meteuo ao dito abade na mao, dizendo *que* la entregaua a dita cortina z af ditas |<sup>10</sup> casas como fuas por *que* fon do dito moesteyro dond'ele é abbade; z difto *que* de fufo dito |<sup>11</sup> é o dito abbade diffi a mī, dito Vidal Domīguiz, *que* eu li desse difto uũ plubico estrumento |<sup>12</sup> z eu deylo commo eesta carta diz. Ffeyta a carta en Bayona .xxiiij. diaf de Nouẽbro. Era |<sup>13</sup> de mill z ccc. xxj. ano. *Teftef*: don Johã d' Areas, cooygo de Tuj, teẽte a meya da jgleia de |<sup>14</sup> Bayona; Johã Domīguiz, prelado da jgleia de Rosal; Ruy Martinz; Martin Iohanes z Petro Fernandez, dito |<sup>15</sup> Priqueyro, clerigos de Bayona.

|<sup>16</sup> Eu Vidal Domīguiz, notario defufo dito, iinfsto presente fuy z a rogo do dito don |<sup>17</sup> Henrrique, abbade, esta carta escriuj z final meu y pugj. (*Signo*).

A. H. N. Oya (Pontevedra). Bernardos. Santa Maria. Pasta 1807, n.º 4. — 160 × 130 mm.

Linha 8, *mao*: escrita de modo pouco claro. A primeira consoante parece mais um *n* do que um *m*. — Linha 14, *Martinz*, *Martin*: no manuscrito estas formas encontram-se abreviadas e com mudança de posição de *r* e *t*, ou seja, *Mtrz.* e *Mtr.*

*Vilaça*, l. 3: provavelmente Santa Maria de Villaza, freg. da província de Pontevedra, part. jud. de Vigo, ayunt. de Gondomar. Fica situada no vale de Miñor.

## 102

1287. Tebra.

*Marina Iohannes e seu marido Domingos Fernandes vendem ao mosteiro de Santa Maria de Oya todas as herdades que possuem desde a Riba de Carballido até à pedra de Aspenteira e nos termos de Loucenzo e de Mabia.*

Cunuçuda coufa fe(y)a a todos como nof Marina Johannel *con* outorgamẽto de meu marido, Domīgo f Fferrnandez, mora|<sup>2</sup>doref de Buryeira, esse presente y octorgante, z toda (...) uoz vendemof z (...) todo senpre outorgamof a uof dõ Ārrique, abbade |<sup>3</sup> do moosteyro de Santa Maria de Oya, z a(.) (*con*)uẽto desse (.....) sobredito (...)toda voffa voz, quanto nof auíamof della Ribba |<sup>4</sup> de Carrualido atéem á Pedra d'Alpẽteyra z a(|f|y) vof vendemof quanto nof auiamof en *termyo* de Louzẽço z affy eno de Mauya |<sup>5</sup> a mõte z a ffonte, cullto z por culltir (*ta*)n bẽ d'auoenga come de *conpra* come de gaadia; z vendo eu Marina Johannel sobredicta |<sup>6</sup> z eu Domingo

192

Fferrnandez deffuso dicto todo dereito que meuf hirmaof auia éésta vêda sobredicta que eu Marina Johannef vendo tall o conprey eu Marina |<sup>7</sup> Johan(e/f) (a) effel meuf hirmaof, salluo aquillo que ellef venxerê ena deuefa do Souto que lif nã conprey por prexo numeado, conuem |<sup>8</sup> a flaber .XII.<sup>ze</sup> liuraf de diñeiros allfonfiif da moeda blãca ffeita no tẽpo da gerra, .ij. diñeiros pretos por soldof con rrouora z con fayuizo |<sup>9</sup> z estaf .Xij.<sup>ze</sup> liuraf sobredictaf dixerõ que foram dof herdamẽtof rregéengof que o móósteiro vendera en Taráaf z do prexo nẽ da rrouo|<sup>10</sup>ra nemigalla ficou por dar, mayf todo conpristef. Ayadef uof z toda voffa voz ffirme mête z perdurauil mête a sobredicta |<sup>11</sup> uendiçõ en quanto ffor o mũdo stauil; z se alguẽ véer da noffa parte come d'alea que ifto que sobredicto fcrito est queira contrõper |<sup>12</sup> feya maldicto z quãto demãdar atãto page doblado a uos ou a quẽ voffa voz derrdef z fua demãda nã valla z ao |<sup>13</sup> senor do couto por [...] peite .XXiiij.<sup>to</sup> liuraf z a carta fẽpre stauil feya en fua rreuor firmada. Regnãte en Caf|<sup>14</sup>tella z en Leõ dom Sancho, bifpo en Tuy dõ Johan Martinz, adeantado en Galliza dõ Steuóó Nunez, rricome |<sup>15</sup> en Torono dom Johan Fferrnandez, juyz en Mauya Pedro Vidal, móórdomo eeffe logar Pedro Perez. Ffeita a carrta .XXV. |<sup>16</sup> diaf andados de Marrço, era de millefima CCC.<sup>a</sup> XXV. annos. Que prefentef forõ: Pedro Martinz, mercador z mora|<sup>17</sup>dor de Boiyona; Ruy Perez, Ffeltrello; Johan Martinz, clerigo de Tebra; Martin Fferrnandez da Prefa z Johan Mãffo, moradoref de |<sup>18</sup> Poufadella, z outros. z eu, Pedro Fferrnandez, notario de Tebra, per mãdado de Ffernã Fferrnandez, notario del Rey en Torono z per ou|<sup>19</sup>torgamẽto daf partef sobredictaf aquiftoo prefente ffuy z efcreuj z pugy meu final en teftemyo de uerrdade que |<sup>20</sup> tal (+) est.

A. H. N. Oya (Pontevedra). Bernardos. Santa Maria. Pasta 1807, n.º 16. — 195 × 170 mm.

Há uma mancha na parte superior, ao centro, que impede a leitura de várias palavras. Sobre várias formas ocorre um til inútil.

Linha 2, *abbade*, linha 3, *Ribba*, com o primeiro *b* incompleto; parece *albade* e *Rilba*. Veja-se o que foi dito na p. 37, n. 3. — Linha 3, *toda*: forma de leitura pouco clara. — Linha 4, *Louzẽço*: ausência de til. — Linha 14, *Martinz*: a consoante inicial está um pouco raspada.

*Mauya*, l. 15: Mabilia, lugar da paróquia de San Mamed de Loureza, municipio de Oya.

## 1287. Pontevedra.

*Alguns monges do mosteiro de São João de Poyo mandam lavrar e semear de milho algumas herdades situadas em Encoirados, na freguesia de San Juyao do Valle. Paralelamente, alguns desses monges vão a Massaelle, na mesma freguesia, e mandam a Diego Pais e a sua mulher que lavrem a herdade aí situada.*

Conoçuda coufa feia a todof *que* en prefença de m̃ Ffernã Anef, |<sup>2</sup> notario jurado de Pontevedra, e daſ testemoyas *que* aqui en fondo |<sup>3</sup> ſon eſcritas a iſto ſpecialmente chamadas e rogadas, Johan Martins, |<sup>4</sup> cellareyro; Ffernã Perez; Domiõgo Fernãdiz; Ffernã Gonfalues e Gomeſ |<sup>5</sup> Martinz, monges do moeſteyro de Sant Johane de Poyo en nume de |<sup>6</sup> don Paay Nunez, abbade, e do conueto do dito moeſteyro, laurarõ |<sup>7</sup> e gradarõ *per ſeuſ* homees e cõ *ſeuſ* boys e ſſemearõ de millo |<sup>8</sup> ena herdade *que* chamã d'Ontranbas Agoas e a outra herdade *que* |<sup>9</sup> iaz ſoa vina de Nuno Paayz d'Encoyradof, e ena herdadura de |<sup>10</sup> Pumar d'Aluaro e ena herdadura *que* iaz tralo rryo e ena herdade |<sup>11</sup> da Roſſa e eſteſ herdamentof ſon ena villa d'Encoyradof ena ſijgrefia |<sup>12</sup> de San Juyao do Valle e eſteſ herdamentof ſobreditoſ of ſobreditoſ |<sup>13</sup> mongez fezeronof laurar e ſſemear ſegũdo *que* ſobredito é (.)a |<sup>14</sup> jur de paz e ſen coomya nẽ una. Iſto fuj .xxj. dia de Mayo i |<sup>15</sup> era M. CCC. XXV. *Que ppreſentef forum:* Marti Perez, dito Leyton; |<sup>16</sup> Johan Pelaez d'Encoyradof; Marti Ceruellj; Ffernã Anef, germao de Johan |<sup>17</sup> Liordo; Johan Nunez, eſcudeyro, e Steuao Gil, moradoreſ do caſal do |<sup>18</sup> couto de San Johane de Poyo; Pedro Perez de Reeda; Pedro Perez do Vallino |<sup>19</sup> e Pedro Martiẽ de Lignareſ, moradoreſ no dito couto. ¶ *Item en prefença* |<sup>20</sup> de m̃ Ffernã Iohanif, notario ſobredito, e daſ testemoyas en fondo |<sup>21</sup> eſcritas, Johan Martins, Ffernã Perez e Domiõgo Fernandez, monges do |<sup>22</sup> moeſteyro de Sant Johane de Poyo, en nume e i uoz de dõ Paay |<sup>23</sup> Nunez, abade, e do conueto deſſe moeſteyro, fforum aa villa de |<sup>24</sup> Maſſaelle *que* he ena ſijgrefia de San Juyao do Valle e man|<sup>25</sup>daron a Diago Paayz de Maſſaelle e a ſua moller Maria |<sup>26</sup> Iohanif *que* laurafſem polo abade e polo conueto ſobreditos |<sup>27</sup> aquela herdade de Maſſaelle, a qual herdade fora ia diuizada e |<sup>28</sup> departida *per* homees boos e *per* mãdado de ffrey Martiõno, |<sup>29</sup> graneyro da grana de Marin, ſſegũdo *que* he contiudo i uum |<sup>30</sup> ſcripto feyto *per* m̃, notario ſobredito, e confirmado *per* dõ Johan |<sup>31</sup> Fernandez, chantre de Tuy, juyz delegado do Señor Papa; e |<sup>32</sup> entõ Diago Paayz e ſua moller ſobreditoſ differõ e outorgarõ |<sup>33</sup> *que* laurauã eſſe herdamento polo abade e polo cõueto ſobreditoſ e |<sup>34</sup>(....) cõ Johan Martins, cellareyro ſobredito, *que* lly deſſe a meadade |<sup>35</sup> (.....)e e *que* eſe *que* lly dariã a quarta do millo *que* Deuſ hy

região formas que apresentam habitualmente o timbre mais antigo [q̄], ao lado de outras que só esporadicamente o conservam. Situa-se no primeiro caso a forma *q̄ito*, muito generalizada ainda hoje em todos os níveis socio-linguísticos; em relação ao segundo grupo, há exemplos esporádicos, mais ou menos isolados, na linguagem da região (1).

Da análise de todos os elementos apresentados, creio poder concluir-se que o grafema *o* das formas do tipo apresentado podia representar [q̄] ou [q̄̃]: a inflexão vocálica produzida por iode no extremo Noroeste da Península não se terá realizado de maneira regular, mas vacilante (2).

De interpretação bastante difícil me parecem ser algumas formas galegas que, na sílaba tónica, apresentam o grafema *u* em vez do grafema *o* que se esperaria.

Na quase totalidade das formas registadas o uso do grafema *u* em vez de *o* surge quando a vogal é nasal, embora, como veremos, possa ocorrer também noutros contextos. Entre as formas do primeiro grupo registei o grafema *u* em formas de diferente proveniência. Algumas delas representam palavras latinas terminadas em *-ōNE-*: *condizũ* (1258 L 21), *corazũ* (1281 C 5), *dōazũ* (1281 C 5), *doazũ* (1258 L 22), *gēerazũ* 'geração' (1281 C 5), *giarazũ* (1282 C 7), *quiñũ* (1258 L 21). Exceptuando estas formas, os documentos galegos registam habitualmente formas com o grafema *o*: *capõ* (1407 L 40), *condiçom* (1372 O 75), *condiçõ* (1407 P 133; 1506 P 136), *condiçon* (1426 O 78),

---

*e morfologia*). 5.<sup>a</sup> ed., Lisboa (Livraria Clássica Editora), 1956, p. 50; EDWIN B. WILLIAMS, *ob. cit.*, p. 36; JOSEPH HUBER, *ob. cit.*, p. 54.

Um fechamento idêntico ao do português e realizado também em época muito remota, se operou em castelhano: aí é possível situar este fenómeno relativamente a um outro, a ditongação de [q̄] proveniente de *ō*. Pode, com toda a segurança, afirmar-se que a inflexão vocálica motivada por iode é anterior à ditongação, uma vez que, no contexto indicado, este fenómeno não ocorreu: *NŌCTE* > esp. *noche*, *ŌCTO* > esp. *ocho*, *PŌDIU* > esp. *poyo*, etc. Sobre estes fenómenos em espanhol, cf. R. MENÉNDEZ PIDAL, *Manual de gramática histórica española*. 13.<sup>a</sup> edición, Madrid (Espasa-Calpe), 1968, p. 44-50.

A propósito da inflexão por iode nos diferentes idiomas peninsulares, veja-se DÁMASO ALONSO, *La fragmentación fonética peninsular*. Suplemento ao Tomo I da *Enciclopedia Lingüística Hispánica*. Madrid (C.S.I.C.), 1962, p. 105-109.

(1) Com carácter esporádico, o I.L.B. (n.º 78) assinala [nq̄iti] no conc. de Paredes de Coura, freg. Insalde, lug. Souto.

(2) Em relação a este aspecto, o antigo galego-português apresenta, no conjunto dos idiomas peninsulares, uma situação muito peculiar. O português, língua nacional, que resulta da evolução dos falares do Centro do País, fechou as vogais resultantes de *e* e *ō* do lat. clássico; situação idêntica se verifica em espanhol, onde, no contexto indicado, não se realizou a ditongação das referidas vogais, pelo facto de elas se terem fechado por influência de iode seguinte. Pelo contrário, em leonês e aragonês, não se verificou a acção do iode sobre as vogais anteriores. Sobre este assunto, veja-se DÁMASO ALONSO, *ob. cit.*, p. 106.

*condjçon* (1474 L 47), *concābazõ* (1257 L 20), *cõcanbiazõ* (1257 L 20), *çõdiçõ* (1281 L 26), *condiçõ* (1274 O 53), *cõdizom* (1278 L 25), *coraçõ* (1308 L 33; 1274 O 53; 1299 P 115), *quiniõ* (1296 P 109), *quinõ* (1269 P 93; 1407 P 133), *quinon* (1414 L 42; 1307 O 62; 1348 O 71; 1473 O 87), *quinom* (1295 P 108), *quiñõ* (1310 L 34; 1281 O 55; 1290 O 58; 1302 O 61; 1315 O 66; 1334 O 69; 1339 O 70; 1348 O 72; 1396 O 76; 1280 P 98; 1282 P 100; 1298 P 113; 1299 P 114, etc.), etc. (1). São também formas deste género as que os documentos portugueses estudados registam de forma habitual: *barõ* (1334 M 158; 1334 M 159), *cõdiçõ* (1313 DL 144; 1334 M 158; 1334 M 159; 1401 M 163; 1401 M 164; 1404 M 165), *condiçõ* (1284 DL 138), *cõfiffo* (1411 M 167), etc.

Mas a utilização do grafema *u* em vez de *o* aparece também em formas com outra proveniência, em que a vogal nasal figura no interior da palavra: *mũge* (1290 P 106. No mesmo documento, aparece também *mõge*), *mũgef* (1267 O 52. Também *mõgef*), *mũge* (1295 P 107), *mungef* (1281 P 99) «Silua *Redunda*» (top.) (1262 C 2), *cũten* (6.<sup>a</sup> pes. pres. conj. de *contar*) (1299 P 114) (2).

Entre as formas que apresentam o grafema *u* por *o* noutros contextos registei as seguintes: *duble* (1267 P 91), *dubre* (1278 L 25; 1296 P 111), *dublo* 'dobro' (1267 O 52), *duple* (s.m.) (1274 L 24), *furũ* 'foram' (6.<sup>a</sup> pes. pret. perf. de *ser*) (1257 L 20), *nume* (1278 L 25; 1287 P 103; 1290 P 106; 1295 P 108; 1296 P 110; 1296 P 111; 1298 P 113; 1299 P 114; 1299 P 116; 1299 P 117; 1302 P 120; 1302 P 121; 1302 P 122; 1316 P 124; 1317 P 125; 1419 P 134), *subre*, *subre* 'sobre' (1262 C 2), *fũ*, *sum* 'são' (= arc. *som*) (1258 L 21), *vntre* 'entre' (1262 C 2) (3).

A análise de todos os exemplos apresentados revela-nos imediatamente que todos eles foram recolhidos em textos pertencentes à Galiza; efectivamente, os textos portugueses agora publicados não registam formas con-

(1) Sobre os resultados galego-portugueses dos substantivos terminados em latim em *-ONE*, veja-se, adiante, Parte II. Fonética histórica. Consonantismo, § 1.

(2) Não se incluem juntamente com as formas acima citadas outras aparentemente idênticas, mas, de facto, bastante diferentes. Refiro-me às formas como *cunplan* (1414 L 42), *cũplan* (1302 O 61; 1414 L 42), *cunpla* (1414 L 42), *cumpla* (1500 O 90), *cũpla* (1450 L 44; 1302 O 61; 1339 O 70), *cũpra* (1335 L 37), *cũpran* (1302 O 61), etc.), onde, a julgar pelas formas actuais do português e do galego, parece não haver dúvida de que não só na grafia, mas também na pronúncia, o vocalismo da sílaba tónica acabou por se fixar em *u*. O vocalismo das formas com *j* (p. ex. *CÔMPLEO* > *cumplo*) acabou por generalizar-se às formas fortes e às formas fracas. A propósito destas e doutras formas idênticas, veja-se, adiante, p. 402-403.

(3) A forma *vntre* aparece por *ontre* 'entre', abundantemente documentada nos textos galegos. Sobre a localização desta forma, veja-se, adiante, Parte III. Morfo-sintaxe, § 10. Preposições.

gêneres. A explicação para tal ausência parece-me residir no facto de os primeiros documentos portugueses inseridos na presente colectânea serem algumas dezenas de anos mais tardios do que os galegos. Sendo assim, não é de admirar que surjam alguns exemplos de formas com o grafema *u* em vez de *o* noutros textos portugueses publicados, correspondentes, na quase totalidade, a datas mais antigas (1). E é bastante interessante poder verificar-se que o mesmo facto aparece também, em data anterior, na região portuguesa que nos ocupa, a região de Entre-Douro-e-Minho (2).

O problema que se põe em relação a estas formas gráficas consiste em saber se elas correspondem a formas da língua falada ou se, pelo contrário, devem ter outra explicação. Além disso, importa ainda tentar averiguar se todas as formas se explicam do mesmo modo ou se, pelo contrário, embora materialmente idênticas, têm explicações distintas. Se se exceptuar a forma *nume* registada desde 1278 a 1419, todas as restantes são do século XIII (3).

---

(1) Veja-se, por exemplo, PEDRO A. DE AZEVEDO, *Documentos antigos da Beira. Cartório de Ferreira de Aves (Ferreira d'Avres)*. In: *Revista Lusitana*, vol. VII, 1902, p. 59-65. No doc. I, correspondente ao ano 1275, aparecem *dāna* 'dona', *capū* 'capão', *quinū* 'quinhão', *tudas* 'todas', *móórdumu* 'mordomo', *Vila būa* (top.) 'Vila Boa', *sun* 'são' (= ant. *som*) (p. 62). No doc. II, de 1275, cujo tabelião era de Celorico da Beira, aparece também *dubre* 'dobre, 3.<sup>a</sup> pes. pres. conj. de *dobrar*' (p. 62). Uma forma idêntica *duble* ocorre no doc. IV datado de 1281; IDEM, *Documentos portugueses de Pendurada do séc. XIII*. In: *Revista Lusitana*, vol. XI, 1908, p. 79-95. No doc. III, datado de 1277, está registada a forma *mūges* 'monges' (p. 87); no doc. VI, correspondente ao ano 1278, regista-se *mūge* (p. 90). No doc. X, não datado, mas da mesma época dos anteriores, ocorre também *souto majur* (top.) 'Souto Maior', *penur* 'penhor' (p. 94); IDEM, *Documentos portugueses do mosteiro de Chelas*. In: *Revista Lusitana*, vol. IX, 1906, p. 259-276. O doc. XII, embora de 1296, regista ainda algumas formas: *bua* 'boa', *būu* 'bom', *capū* 'capão', *fur* 'for' (3.<sup>a</sup> pes. fut. conj. de *ser*) (p. 274). Para outros exemplos análogos que ocorrem de modo acidental em documentos portugueses anteriores a meados do século XIV, veja-se também ANTHONY J. NARO, *A história do e e do o em português. Um estudo de deriva linguística*. Artigo incluído em *Estudos diacrónicos*. Petrópolis (Editora Vozes), 1973, p. 14-15.

(2) Registam-se algumas formas desse género no mais antigo texto em língua portuguesa, a Notícia de torto, que, embora não datado, parece ser de data anterior ao ano 1211. Aí aparece várias vezes a forma *fūrū* 'foram' (6.<sup>a</sup> pes. do pret. perf. dos verbos *ser* e *ir*): cf. linhas 26, 35, 42, 50 e 52. Veja-se LUÍS F. LINDLEY CINTRA, *Observations sur le plus ancien texte portugais non littéraire: la Notícia de Torto*. In: *Actele celui de-al XII-lea Congres Internațional de lingvistică și filologie romanică*, vol. II. Bucareste, 1971, p. 161-174. A leitura crítica do texto encontra-se nas p. 170-172.

(3) Noutros documentos galegos já anteriormente publicados e relativos ao segundo e terceiro quartel do século XIII há formas idênticas. Cf. MARGOT SPONER, *Documentos antigos de Galicia*. In: *Anuari de l'Oficina Romànica de Lingüística i Literatura* (Barcelona), vol. VII, p. 113-192. No doc. 20, de 1259, p. 140, 1.32 aparece *furon* 'foram'; no doc. 23, do mesmo ano, p. 143, l. 12, *dubro* 'dobro'; no doc. 29, do ano 1267, p. 150, l. 2 e 5, *fun* 'são' (= ant. *som*); no doc. 30, do ano 1269, p. 151, l. 12, *furon* 'foram'. Cf. também

duma época em que se faziam as primeiras tentativas de fixação em língua galego-portuguesa e, portanto, de uma época de grafia ainda não fixada. É bem possível que os escribas desse período, ao sentirem o carácter polivalente do grafema *o* (1) que, nuns casos, fazia referência ao fonema /*o*/ e noutros a /*ɔ*/, sentissem dificuldade na fixação escrita, tanto mais que não havia uma tradição gráfica em que pudessem apoiar-se. Algumas das formas apontadas podem resultar do embaraço que sentiram os copistas ao fixá-las por escrito. A proximidade acústica e articulatória de [*ɔ*] e de [*u*] teria conduzido ao emprego do grafema *u*, sobretudo naquelas regiões onde, porventura, o referido fonema /*ɔ*/ admitisse realizações mais fechadas.

Seja qual for a explicação que se aceite, parece certo que o facto de se estar numa época em que a grafia ainda se não tinha fixado ajuda a explicar a hesitação, no interior do mesmo texto, entre formas com diferentes grafias. Assim, o documento 1267 O 52 regista *mōgef* e *mūgef* e o documento 1290 P 106 assinala *mōge* e *mūge*. Além disso, nesse período impunha-se muito intensamente a força da tradição latina: sobre cada notário pesava fortemente a influência do latim jurídico em que até então eram redigidos os documentos notariais. Daí que as formas latinas ou de pretensa aparência latina fossem sentidas pelos escribas como mais cultas, o que levava a introduzi-las nos documentos; isto, naturalmente, associado à força do hábito de redigir documentos naquela língua, o que podia, nalguns casos, fazer com que escapassem, em textos romances, algumas palavras latinas ou com essa aparência. Creio, pois, que algumas formas têm essa explicação: os textos em que ocorrem contêm outras formas latinas ou pseudo-latinas. Assim acontece, entre outros, com os documentos 1258 L 21, 1258 L 22, 1267 O 52, 1262 C 2 e 1290 P 106.

Parecem-me, além disso, confirmar esta hipótese formas como «*Silua Redunda*» (top.) (1262 C 2), *duple* (1274 L 24) (nesta última forma, a conservação do grupo *pl* parece indicar tratar-se de influência da grafia da forma latina) e *numen* 'nome' (1296 P 109), esta última por falsa reconstituição do latim *nomen*.

---

XESÚS FERRO COUSELO, *A vida e a fala dos devanceiros. Escolma de documentos en galego dos séculos XIII ao XVI*. 1. *Terras de Orense*, vol. I. Vigo (Galaxia), 1967. No doc. 19, de 1271, p. 30, l. 10 regista-se *dubre* (3.<sup>a</sup> pes. pres. conj. de *dobrar*); no doc. 20 de 1273, p. 32, l. 11, *unze* 'onze'. Num documento do fim do séc. XIII (cf. doc. 33, 1292, p. 48, l. 36) ocorre também *mūil* 'móvel'. Sobre o étimo desta forma, o latim *MŌBĪLE* - que coexistiu com *MŌBĪLE* -, veja-se R. MENÉNDEZ PIDAL, *Orígenes del español. Estado lingüístico de la Península Ibérica hasta el siglo XI*. Sexta edición. Madrid (Espasa-Calpe), 1968, p. 260 n. 1 e 2.

(1) Sobre a polivalência de outro grafema de referência vocálica, o grafema <e>, e a existência de formas idênticas, veja-se o que foi dito nas p. 350-351.

Noutros casos, não pode excluir-se a possibilidade de as formas gradadas com *u* corresponderem a autênticas formas da língua falada. Refiro-me especialmente àquelas formas onde a vizinhança de determinados sons pode ter condicionado a passagem de [ɔ] a [u]: em *duble, dublo, dubre, mûge, mungef, mûgef, nume, subre e fubre* (1) o contacto com a bilabial pode talvez ajudar a explicar a referida alteração (2). Parece-me ser esta a única maneira satisfatória de explicar a forma *nume* que, como vimos atrás (3), aparece, de modo continuado, desde o séc. XIII até fins do séc. XV nos documentos da Província de Pontevedra (4). Aliás, formas com passagem de [ɔ] a [u] por influência de sons vizinhos não são desconhecidas nalguns pontos do domínio lingüís-

---

(1) A propósito da localização dessas formas, veja-se, atrás, p. 392.

(2) Cf. MINÉNDIZ PIDAL, *Manual de gramática histórica española*. 13.<sup>o</sup> edição, Madrid (Espasa-Calpe), p. 72. Aí afirma o A. em relação à sílaba pretónica: «Probablemente será la labial agrupada causa de la cerrazón de *o* en *dūbītāre* ant. *dubdar*, de donde pasó a las formas acentuadas en la inicial, *duda*, leonés ant. *doldo*». García de Diego explica várias formas com *u* em vez de *o* do galego antigo e moderno como resultado do condicionamento exercido por várias consoantes vizinhas: refere-se não só às labiais, mas também às palatais (cf. *luxe* 'hoje'), à sibilante a entrar a sílaba (cf. *conusco, convusco*, etc.) e à velar, sobretudo no início de palavra (cf. *cunca* por *conca* e *cuncha* por *concha* em Curros Enríquez; *cuntas* por *contas*, etc.). Cf. V. GARCÍA DE DIEGO, *Manual de dialectología española*. Madrid (Ediciones Cultura Hispánica), 1959, p. 74-77; IDEM, *Elementos de gramática histórica gallega*. Burgos, 1909, p. 63-67. A forma *convusco* acima citada, assim como *vusco*, aparece já nalgumas composições trovadorescas. Cf. CAROLINA MICHAËLIS DE VASCONCELOS, *Glossário do Cancioneiro da Ajuda*. In: *Revista Lusitana*, vol. XXIII, 1920, p. 22 e 94; JOSÉ JOAQUIM NUNES, *Cantigas d'amigo dos trovadores galego-portugueses*, vol. III. Coimbra (Imprensa da Universidade), 1928, p. 601.

(3) Veja-se, atrás, p. 392 e 393.

(4) Segundo informação de Fray Martín Sarmiento, a forma *nume* aparece ainda em documentos da província de Pontevedra dos séculos XIV e fins do século XV. Recolhe-a o A. no *Catálogo de voces y frases de la lengua gallega* na secção de *Voces gallegas antiguas* e no *Suplemento de voces gallegas sacadas de pergaminos* (cf. FR. MARTÍN SARMIENTO, *Catálogo de voces y frases de la lengua gallega*. Edición y estudio por J. L. Pensado. Universidad de Salamanca, 1973, p. 272-279 e 291-296). Estes dados coincidem, pois, com os que dos textos publicados neste trabalho pudemos extrair. Teria essa forma continuado a usar-se nos séculos seguintes? O próprio Martín Sarmiento a usa nas *coplas* 55 e 77 incluídas na *Colección de voces y frases gallegas en coplas y un glosario de dichas voces* e dela faz um breve comentário nos passos correspondentes. Desse emprego, seríamos levados a concluir que a forma vivia ainda no séc. XVIII na região de Pontevedra. Mas, bem pode tratar-se também do restabelecimento de um arcaísmo que o Autor tinha encontrado com alguma frequência nos velhos pergaminhos dessa província. A este propósito transcrevemos um passo que sobre o assunto escreveu José Luís Pensado: «La primera duda que nos asalta es la de su uso en la lengua diaria. Sabemos ciertamente de su empleo en la lengua medieval al lado de la variante *nome*, pero para su utilización como forma viva en vez de *nome* carecemos de datos de la época. Si la ha oído en el uso diario pontevedrés o es la reposición de un arcaísmo leído en los documentos antiguos no podremos por

tico galego-português (1). As restantes formas, registadas apenas nos documentos mais antigos, do séc. XIII, bem podem ser o resultado das outras causas atrás indicadas (2).

## 2. Em posição átona

À semelhança do que atrás (3) foi afirmado em relação aos valores do grafema *e*, também o grafema *o* em sílaba átona, mas particularmente na posição pretónica, apresenta uma oscilação gráfica bastante sensível, podendo alternar com outros grafemas vocálicos, mas sobretudo com *u* e, algumas vezes, com o ditongo *ou*. Tentar-se-á explicar essa instabilidade gráfica e ver até que ponto ela correspondia a um estado de flutuação do timbre das vogais átonas no antigo galego-português (4). Tratar-se-á separadamente da posição pretónica e da posição final. Relativamente à posição pretónica, importa determinar, por um lado, o valor do referido grafema em inicial absoluto e, por outro, quando em posição pretónica interna ou na sílaba inicial, mas não em início de palavra.

Comecemos, pois, pela posição pretónica.

Em início de palavra, nos textos estudados aparece quase invariavelmente o grafema *o*: *obligo* (1367 C 14), *oydore f* (1274 L 24), *obligamo f* (1307 L 32), *obligamos* (1410 L 41), *Offfeyra* (1280 P 98), *Offfoyro Eane f* (1280 P 98),

---

ahora dilucidarlo, pero de todos modos es extraño que no haya oído la variante con *o*, que es la que hoy perdura». FR. MARTÍN SARMIENTO, *Catálogo de voces y frases de la lengua gallega*. Edición y estudio por J. L. Pensado. Universidad de Salamanca, 1973, p. 82.

(1) Em relação ao galego, ver, por exemplo, além das obras de Garcia de Diego citadas na nota 2 da p. anterior, JOSÉ MANUEL GARCÍA DE LA TORRE, *ob. cit.*, p. 85-86. Sobre idêntico fenómeno numa região fronteiriça luso-espanhola, cf. também CLARINDA DE AZEVEDO MAIA, *Os falares fronteiriços do concelho do Sabugal e da vizinha região de Xalma e Alamedilla*. Suplemento IV da *Revista Portuguesa de Filologia*. Coimbra, 1977, p. 136.

(2) No artigo citado na n. 1 da p. 393, Anthony J. Naro sugere, em relação às formas que recolheu nalguns documentos portugueses antigos, algumas possibilidades de explicação que, em parte, coincidem com as que foram por mim apresentadas: «A ortografia em alguns, mas não em todos, esses exemplos é influenciada pelo latim; casos óbvios são *cum*, *sumus*, *imus*, *us*. Mas há exemplos que não podem ser assim explicados. Estes sugerem ou que as vogais médias tornam-se vogais altas em todas as posições, incluindo a tónica, ou que os pares [o u], [e i] eram suficientemente semelhantes para causar confusão, especialmente onde a imagem da forma latina escrita estava presente. A primeira possibilidade é excluída porque as vogais tónicas médias e altas são distintas em quase todos os dialectos». Cf. ANTHONY J. NARO, *ob. cit.*, p. 15.

(3) Veja-se o que foi dito nas p. 355-381.

(4) Como se afirmou atrás (cf. p. 355, n. 3), a flutuação no timbre das vogais átonas, e muito particularmente, o seu fechamento, ocorria já na fase antiga de outras línguas peninsulares. A esse propósito, veja-se a bibliografia citada na p. 355, n. 3.

*Oraço* (top.) (1280 P 98), *obydyētes* (1432 P 135), *obriogo* (1432 P 135), *Orraca* (1287 DL 140), *obrigaçõ* (1345 DL 146), *obidentes* (1472 DL 149), *obligamos* (1281 M 151), *obrigamos* (1404 M 165), etc. (1).

Nos textos publicados neste trabalho, não encontrei formas com *u-* em vez de *o-*, mas elas ocorrem em antigos textos galego-portugueses, embora com carácter relativamente esporádico (2). Indicarão estas grafias que *o* em inicial de palavra pudesse, nesta região, realizar-se como [u], pelo menos desde o séc. XIII? É bem provável que assim fosse, pelo menos nalguns níveis sociolinguísticos. Efectivamente, ainda hoje é geral na região de Entre-Douro-e-Minho a realização [u], mesmo na camada culta local, ao passo que, noutras zonas, a camada culta apresenta habitualmente a realização [o] (3). Sob este aspecto, de bem pouca utilidade é o conhecimento do galego, desde há séculos sujeito à influência do castelhano. Mas a indicar a antiguidade da pronúncia [u] está a sua ocorrência numa zona de feição marcadamente arcaizante como é a região galego-leonesa do Vale de Ancares (4).

(1) Por se tratar de formas muito frequentes, citam-se apenas algumas abonações.

(2) *Santa Maria da Hulliueira* é uma forma toponímica registada no doc. 57 da colecção de documentos orensanos organizada por XESÚS FERRO COUSELO, *A vida e a fala dos devanceiros. Escolma de documentos en galego dos séculos XIII ao XVI*. I. Terras de Ourense, vol. I. Vigo (Galaxia), 1967, p. 90. No texto da *Crónica Troyana*, aparecem *urgullo*, *urguloso* e *humildoso*, em face de *orgullo*, *orgullosa* e *omildoso*, *omildosament*, *homildosament* e *omildança*. Cf. KELVIN M. PARKER, *Vocabulario de la Crónica Troyana*. (Manuscrito gallego del siglo XIV n.º 10.233 Bib. Nac. Madrid). Salamanca (Acta Salamanticensia), 1958, p. 119. Idéntica oscilação entre formas com *o-* e *u-* aparece nas *Cantigas de Santa Maria: omildade*, *omildoso* e *omildança* ocorrem simultaneamente com *humildade*, *umildade*. Cf. AFONSO X, O SÁBIO, *Cantigas de Santa Maria*. Editadas por Walter Mettmann. Coimbra (Acta Universitatis Conimbrigensis), vol. IV, 1972, p. 213 e 311. Outros exemplos surgem também em textos escritos a sul do Minho: cf. os topónimos *Ulvar* e *Ulveira* (este último simultaneamente com *Olveira*) registados no texto tradicionalmente conhecido por Auto de partilhas. Cf. JOSEPH HUBER, *Altportugiesisches Elementarbuch*. Heidelberg, 1933, p. 68 e p. 292.

(3) JORGE MORAIS BARBOSA, *Études de phonologie portugaise*. Lisboa (Junta de Investigações do Ultramar), 1965, p. 135-136. Aliás, foi este um dos poucos contextos em que, na sílaba pretónica, o grafema *o* manteve o antigo valor de [o]; o mesmo aconteceu quando a vogal é entravada por *l* velarizado: cf. *soldado*, *moldar*, *olvidar*, etc. Em todos os outros contextos passou a realizar-se como [u]. A este propósito, veja-se PAUL TEYSSEIER, *La prononciation des voyelles portugaises au XVI<sup>ème</sup> siècle d'après le système orthographique de João de Barros*. Separ. de *Annali dell'Istituto Universitario Orientale*. Sezione Romanza. Napoli, 1966, p. 161.

(4) Cf. J. R. FERNÁNDEZ GONZÁLEZ, *Etnografía del Valle de Ancares. Estudio lingüístico según el método "Palabras y Cosas"*. Anejo 10 de *Verba. Anuario Gallego de Filología*. Universidad de Santiago de Compostela, 1978, p. 25. Ao tratar do vocalismo átono, afirma o A.: «También la *o* inicial tiende a cerrarse en *u*». Mais recentemente,

Além disso, a análise dos textos estudados oferece-nos ainda algumas formas com ditongo inicial *ou-*: *ouliuar* (s.m.) (1307 O 62), *ouliueyra* (s.f.) (1424 O 77). Essas formas, ainda que não muito numerosas, são reveladoras de uma tendência que existiu no antigo galego-português (1) e que se manifesta ainda actualmente em mirandês (2), no asturiano ocidental (3) e nos falares trasmontanos da fronteira oriental (4).

Tal como já se afirmou atrás (5) ao tratar das formas com *ei* (ou *ey*) inicial em vez de *e-*, é possível que se trate de ditongos analógicos, devidos à grande vitalidade dos referidos ditongos nesses idiomas. Por outro lado,

---

o mesmo Autor, no estudo consagrado à fala ancaresa, a propósito de *o* átono da sílaba inicial, refere a tendência para o fechamento: « /o/ inicial átona tiende a cerrarse en /u/ tanto inicial absoluta (*uïdo, uvela*) como no absoluta (*durmir, mullu* 'mullido', *tubillo, rudilla, tusir, turcazos*, 'palomas torcazes', *cucíã* 'cocina' (...), etc.), alternando con [ø] como variante fonética». Cf. JOSÉ RAMÓN FERNÁNDEZ GONZÁLEZ, *El habla de Ancares (León). Estudio fonético, morfosintáctico y léxico*. Universidad de Oviedo, 1981, p. 43. Em data bastante anterior, o artigo de DÁMASO ALONSO y VALENTÍN GARCÍA YEBRA, *El gallego leonés de Ancares y su interés para la dialectología portuguesa* (in: *Cuadernos de Estudios Gallegos*, tomo XVI, Santiago de Compostela, 1961, p. 43-79) faz idêntica afirmação: «La *o* inicial se cierra y tiende a penetrar en los límites de *u* (...)» (p. 53).

(1) Relativamente ao antigo galego-português, assinala formas idênticas JOSÉ JOAQUIM NUNES, *Compêndio de gramática histórica portuguesa. (Fonética e morfologia)*. 5.ª edição, Lisboa (Livraria Clássica Editora), 1956, p. 80-81. Além disso, noutros textos publicados são registadas bastantes formas com *ou-* inicial. Citarei apenas alguns exemplos: MARGOT SPONER, *ob. cit.*, p. 177: *ouliueyras*; AFONSO X, O SÁBIO, *Cantigas de Santa Maria*. Editadas por Walter Mettmann. Coimbra (Acta Universitatis Conimbrigensis), vol. IV, 1972, s.u. *ouriente* 'orienté'; *Mirages de Santiago*. Edición y estudio crítico por José Luís Pensado. Anejo LXVIII da *Revista de Filología Española*. Madrid, 1958: no glosário final (p. 346) registam-se *ouçidente, ouliva, ouriente, ourina*; KELVIN M. PARKER, *Vocabulario de la Crónica Troyana*. Salamanca (Acta Salmanticensia), 1958: *ai* figuram *ouçident* (p. 239), *oufanioso* (p. 119), *ouliua* (p. 15), *ourient* (p. 239), *ouriente* (p. 239). Há vestígios de formas deste tipo no português antigo, a sul da primitiva região galego-portuguesa. Assim, num documento do mosteiro de Chelas dos fins do século XIII ocorre *ouffyzijo*. Cf. PEDRO A. DE AZEVEDO, *Documentos portugueses do Mosteiro de Chelas*. In: *Revista Lusitana*, vol. IX, 1906, p. 272, doc. XI.

(2) JOSÉ GONÇALO HERCULANO DE CARVALHO, *Fonologia mirandesa*. Coimbra, 1958, p. 74 e n. 111. O Autor admite que «a pronúncia «*oubeilha*» (...) deve ser uma pronúncia sobretudo enfática e não constante».

(3) DIEGO CATALÁN MENÉNDEZ-PIDAL, *El asturiano occidental. Examen sincrónico y explicación diacrónica de sus fronteras fonológicas*. Separ. de *Romance Philology*, vol. X, n.º 2, Novembro de 1956, p. 78. Segundo o A., o ditongo de palavras como *ouríetsa, ourítsár, ouvéa ~ ouvécha, Ouliva, ourinos*, etc. deve-se à «inestabilidad y oscuridad de la vocal átona, rasgo de los más característicos del dialecto».

(4) MARIA JOSÉ DE MOURA SANTOS, *Os falares fronteiriços de Trás-os-Montes*. Separ. da *Revista Portuguesa de Filologia*, vols. XII, tomo II, XIII e XIV. Coimbra, 1967, p. 183.

(5) Veja-se, atrás, p. 356-358 e n. 7 das p. 357-358.

a instabilidade da vogal da sílaba átona inicial deve ter facilitado essa introdução analógica do ditongo.

Sendo assim, parece lógico concluir que na região de Entre-Douro-e-Minho e na Galiza, durante o período estudado, existiam as realizações [ɔ], [oɥ] e, possivelmente, [u]. O que não é possível saber é qual a frequência, vitalidade e situação sociolinguística de cada uma das variantes de realização, uma vez que, segundo cremos, não haveria um perfeito ajustamento entre esses diferentes tipos de pronúncia e as respectivas formas gráficas.

Tratando em seguida da posição pretónica não inicial absoluta, ou seja, da sílaba intertónica e da sílaba inicial começada por consoante, analisemos primeiramente os casos em que, devido ao condicionamento exercido pelo contexto, o grafema *o* pode alternar com *u*.

O emprego do grafema *u* por *o* aparece, em primeiro lugar, quando na sílaba seguinte (em geral, a tónica) existe *i* ou *u*, correspondendo, portanto, essa mudança no uso dos grafemas a uma alteração fonética de tipo assimilatório. Da análise dos textos agora publicados parece poder concluir-se que o referido fenómeno fonético ocorria com muito maior intensidade na Galiza do que na região de Entre-Douro-e-Minho (1). Pelo menos, é essa a imagem que nos dão os textos analisados (2). Em relação à Galiza, abundam os exemplos de todas as províncias e em todo o período abrangido pelo presente estudo: *acustumarom* (1334 O 69), *acustumarõ* (1290 P 106, 2v.), *acustumado* (1502 L 51), *acustumada* (1500 O 90), *çenfuria* (1450 L 44), *cognuzuda* (1258 L 23), *conuŕçuda* (1302 L 30), *conuŕçuda* (1351 C 13; 1289 P 105), *conuzuda* (1262 C 2; 1265 C 3; 1281 C 5; 1286 L 28), *cumunal* (1302 L 30), *cumunalmente* (1367 O 74), *cumunalmête* (1302 L 30), *cunuŕçuda* (1290 P 106), *cunuŕçuda* (1287 P 102), *cunuzuda* (1269 P 93; 1271 P 94; 1271 P 95; 1297 P 112), *cunusuda* (1295 P 108), *cunuŕçuda* (1281 P 99), *cunuçuda* (1258 L 22), *curtiña* (1283 P 101), *curtina* (1283 P 101), *custume* (1367 C 14; 1385 C 15; 1404 L 38; 1459 L 46; 1474 L 47; 1334 O 69; 1433 O 79; 1500 O 90; 1317 P 125; 1403 P 132; 1432 P 135), *custume* (1473 O 88), *custumes* (1360 O 73;

---

(1) A este propósito, tenha-se presente a observação feita atrás, p. 362 e segs. e n. 1 da p. 363, a propósito de idêntica alteração de *e* pretónico.

(2) No estudo feito por R. Rübecamp da linguagem das *Cantigas de Santa Maria*, comparando-a com a linguagem da poesia trovadoresca dos séculos XIII-XIV e de alguns documentos galegos medievais, mostrou também o A. que, entre os «fenómenos que caracterizam a evolução galega, em oposição à portuguesa», se inclui exactamente a influência, na conjugação verbal, de um «í tónico sobre as vogais temáticas *e*, *o* precedentes»: cf., a título de exemplo, *pidimos, pidi, fugir, durmia*. Veja-se RUDOLF RÜBECAMP, *A linguagem das Cantigas de Santa Maria de Afonso X, O Sábio*. Lisboa (Imprensa Nacional), 1933, p. 78 e n. 3.

1372 O 75; 1396 O 76; 1426 O 78; 1473 O 80), *luriga* (1302 O 60), *muyno* (1474 L 47) (1), *muyño* (1474 L 47; 1310 L 34; 1302 O 61), *muyños* (1296 P 111), «*Muyno* Uedro de Sfulao» (top.) (1289 P 105), *nubidades* (1500 O 90), *Purtugal* (1292 O. 59) (2), *purtugueses* (1325 P 130), *puſsuadellas* (5.ª pes. do pres. conj. de *pussuir* com o pronome pessoal) (1296 P 111), *puſſuia* (1289 P 105), *puſſuya* (1281 L 26), *puſſuyades* (1302 P 122), *puſtrimeyra* (1325 P 130; 1414 L 42; 1302 O 61), *puſtrimeyro* (1314 O 65), *puſtrumeyra* (1405 L 39), *puſtrumeyro* (1432 P 135), *puſtura* (1500 O 90), *ſſuya* (3.ª pes. imperf. do indic. de *ſſoer*) (1298 L 29), *ſuhia* (1283 P 101), «*Joan Subrino*» (1424 O 77), etc. Outros textos antigos da Galiza (3) revelam também grande frequência no aparecimento desse fenómeno de harmonização vocálica que, aliás, existe ainda no galego actual (4). Atesta também a grande vitalidade do fenómeno no período estudado o facto de ele ocorrer mesmo em castelhanismos impor-

(1) A forma *muyno* aparece várias vezes no documento indicado, mas, simultaneamente com essa forma, está também registada, na l. 17, *moyno*.

(2) No mesmo documento, l. 20, aparece também *Portugal*.

(3) As *Cantigas de Santa Maria* apresentam alguns exemplos desse fenómeno de harmonização vocálica de *o* da sílaba pretónica a *i* ou *u* da sílaba seguinte, mas, de acordo com o estudo de R. Rübecamp, nos documentos da mesma época essa influência é ainda mais frequente. Cf. AFONSO X, O SÁBIO. *Cantigas de Santa Maria*. Editadas por Walter Mettmann, vol. IV (Glossário). Coimbra (Acta Universitatis Conimbrigensis), 1972; RUDOLF RÜBECAMP, *A linguagem das Cantigas de Santa Maria de Afonso X, O Sábio*. Lisboa, 1933, p. 78 e n. 3. Formas desse género que sofreram assimilação do *o* pretónico a *i* ou *u* da sílaba seguinte que, em geral, é a tónica, aparecem também na *Crónica Troyana*. Cf., entre outras, as formas seguintes: *acustumado*, *apustura*, *cumunalment*, *custume*, *descumunal*, *destruimento*, *pustura*. A este propósito, veja-se KELVIN M. PARKER, *Vocabulario de la Crónica Troyana*. (Manuscrito gallego del siglo XIV n.º 10.233 Bib. Nac. Madrid). Salamanca (Acta Salmanticensia), 1958. No texto dos *Miragres de Santiago* ocorrem algumas formas desse tipo: *acustumã*, *acustumado*, *acustumaua*, *acustumauã*, *custume*, *fugir*, *fugiram*. Cf. *Miragres de Santiago*. Edición y estudio crítico por José L. Pensado. Madrid, Anejo LXVIII da *Revista de Filología Española*, 1958. Veja-se o glossário. Em textos doutra natureza, isto é, em antigos documentos notariais galegos aparecem registados bastantes exemplos do mesmo fenómeno: cf. *Documentos gallegos de los siglos XIII al XVI*. Transcriptos por Andrés Martínez Salazar. La Coruña, 1911: *conuzuda*, p. 49; *muynos*, p. 52; *conuszuda*, p. 53; *cunuszuda*, p. 59, etc.; MARGOT SPONER, *Documentos antiguos de Galicia*. In: *Anuari de l'Oficina Romànica de Lingüística i Literatura*, vol. VII, 1934: *conusuda*, p. 34; *cunuszuda*, p. 25; *custume*, p. 67-68; *numyado*, p. 51; *muyfeyro*, p. 51, etc.

(4) VICENTE GARCÍA DE DIEGO, *Elementos de gramática histórica gallega*. Burgos, 1909, p. 61-62; e, mais recentemente, em *Manual de dialectología española*. Madrid (Ediciones Cultura Hispánica), 1959, p. 73. Além disso, algumas monografias de carácter linguístico relativas a várias regiões galegas assinalam o mesmo fenómeno. Assim, por exemplo, J. L. COUCEIRO, *El habla de Feás*. Anejo 5 de *Verba*. *Anuario Gallego de Filología*. Universidad de Santiago de Compostela, 1976, p. 51-52. Ao referir-se ao *o* pretónico, o A. afirma o seguinte: «Lo mismo que la *e* átona del latín vulgar puede asimilarse

serva-se ainda nos falares fronteiriços do Norte de Portugal, próximos da Galiza (1).

Além do valor adverbial, as formas resultantes da evolução de BENE podiam ter também valor substantivo e, nesse caso, admitiam a flexão em número. As formas que representam o plural sofreram uma evolução distinta das do singular ou da forma adverbial: não figurando *e* em final absoluto, não podia apocopar-se, perdendo-se, então, a consoante *-n-* intervocálica. Desse modo, surgem tanto na Galiza como em Portugal formas com hiato e nasalidade sobre a primeira das vogais: *bēes* (1333 C 10; 1351 C 13 (2); 1335 L 37 (3); 1405 L 39; 1407 L 40; 1414 L 42; 1450 L 44; 1475 L 48; 1475 L 49; 1497 L 50; 1502 L 51; 1292 O 59; 1348 O 71; 1473 O 80; 1316 P 124; 1317 P 126; 1320 P 128; 1403 P 132; 1407 P 133; 1419 P 134; 1432 P 135; 1309 DL 142; 1345 DL 146; 1448 DL 147; 1331 M 157; 1334 M 158; 1334 M 159; 1348 M 162; 1404 M 165; 1407 M 166; 1416 M 168, etc.), *bēef* (1302 O 61; 1302 P 120; 1318 P 127). Desde fins do século XIII aparecem formas com redução do hiato: *benf* (1296 P 110), *bens* (1367 C 14), *bēs* (1329 C 9; 1385 C 15). Por outro lado, as formas gráficas em que *n* aparece depois da segunda vogal do hiato (cf. *beens*, 1292 O 59; 1506 P 136), ou em que a nasalidade aparece representada por til sobre a segunda vogal (cf. *beēs*, 1410 L 41) provam que, efectivamente, desde o período indicado, o hiato tinha começado a reduzir-se a uma vogal simples por crase das duas vogais.

Por outro lado, aparecem ainda na Galiza e na zona entre o Minho e o Douro algumas formas com hiato, mas sem qualquer indicação da nasalidade: *bees* (1310 L 35; 1453 L 45; 1333 P 131; 1472 DL 149; 1484 DL 150; 1404 M 165), *bee f* (1310 L 34; 1317 M 154) (4). Ser-se-ia tentado a interpretá-las como resultado do descuido dos copistas dos respectivos textos,

---

Buske), 1975, p. 164; PILAR VÁZQUEZ CUESTA e MARIA ALBERTINA MENDES DA LUZ, *ob. cit.*, vol. I, p. 107.

(1) Veja-se, por exemplo, JOSÉ LEITE DE VASCONCELOS, *Linguagem popular do concelho de Melgaço*. In: *Opúsculos*, vol. II: Dialectologia. Coimbra (Imprensa da Universidade), 1928, p. 310; IDEM, *Linguagem popular de Monção*. In: *ob. cit.*, p. 398.

(2) No mesmo documento ocorre a forma do singular *bē*.

(3) É interessante observar que no mesmo documento surge a forma do singular *bē*.

(4) Não incluo nesse grupo as formas em que sobre as duas vogais aparece um signo gráfico semelhante a duas vírgulas, por não ser exactamente conhecido o seu valor: *béés* (1516 C 18; 1306 L 31; 1307 L 32; 1459 L 46; 1290 P 106; 1296 P 110; 1299 P 114), *bééf* (1310 L 34; 1281 O 55; 1287 O 57; 1290 O 58; 1302 O 61; 1280 P 98; 1299 P 114; 1301 P 118; 1302 P 120). Sobre os possíveis valores desse signo gráfico, veja-se o que escrevi atrás p. 27 e n. 4.

se não fosse conhecida no galego actual a existência de formas sem nasalidade: *bes* 'bens' (1).

Finalmente, nos textos que estudei não aparecem formas gráficas com ditongo oral ou nasal, análogas às que ocorrem noutros documentos galegos medievais (2) e que se mantêm nalgumas zonas do galego exterior (3) e em português. Simplesmente, nesta língua, o antigo ditongo nasal *ēi* transformou-se em [ãj], em época relativamente recente — segundo parece, no século XIX —, por influência do português da capital (4), onde surgiu a referida alteração.

Comparando as formas encontradas nos textos de Portugal e da Galiza, não pode deixar de sublinhar-se o típico polimorfismo dos textos medievais, muito especialmente quando escritos a norte do Minho, onde faltava uma norma linguística unificadora. De facto, no que se refere às formas acima estudadas, o número de variantes não só gráficas, mas também fonéticas, é

---

(1) Cf. V. GARCÍA DE DIEGO, *Elementos de gramática histórica gallega*. Burgos, 1909, p. 89; H. SCHNEIDER, *Studien zum Galizischen des Limiabeckens*. Separ. de *Volkstum und Kultur der Romanen*, vol. XI, 1938, p. 127.

(2) Cf., por exemplo, *beys* e *bejjs*, formas registadas respectivamente no documento n.º 40 da provincia de Lugo e n.º 2 da provincia de Orense da coleção de MARGOT SPONER, *Documentos antiguos de Galicia*. In: *Anuari de l'Oficina Romànica de Lingüística i Literatura*, vol. VII, 1934, p. 162, l. 25 e p. 189, l. 56. Sobre outras abonações antigas em textos galegos, veja-se RAMÓN LORENZO, *La traducción gallega de la Crónica General y de la Crónica de Castilla*, vol. III (Glosario). Orense (Instituto de Estudios Orensanos "Padre Feijoo"), 1977, p. 238, s.u. *bem*, *ben*, *bē*. Talvez valha a pena salientar que as formas com ditongo (oral ou nasal) são o resultado da evolução das primitivas formas com hiato, tendo-se apenas a segunda vogal fechado e transformado na semivogal *i*. Outro resultado foi, como vimos, a crase das duas vogais (cf. *bens*).

(3) Assim, no ancarês conserva-se o ditongo nasal: *bejs*, *tejs*. Noutras zonas do galego exterior ocorrem formas com ditongo oral: *téis* 'tens', *béis* 'vens'. Cf. DÁMASO ALONSO e VALENTÍN GARCÍA YEBRA, *ob. cit.*, p. 67. O trabalho de JOSÉ RAMÓN FERNÁNDEZ GONZÁLEZ, *El habla de Ancares (León). Estudio fonético, morfosintáctico y léxico*. Oviedo, 1981, p. 34, confirma a sobrevivência de formas com ditongo nasal no galego leonês de Ancares.

(4) Sobre esse assunto, veja-se SERAFIM DA SILVA NETO, *A língua portuguesa no Brasil*. Separ. da *Revista de Portugal. Série A — Língua Portuguesa*, vol. XXV, Lisboa, 1960, p. 37; IDEM, *História da língua portuguesa*. 2.ª edição aumentada. Apresentação do Professor Celso Cunha. Rio de Janeiro (Livros de Portugal), 1970, p. 614-615; A. R. GONÇALVES VIANA, *Exposição da pronúncia normal portuguesa para uso de nacionais e estrangeiros*. Lisboa, 1892, p. 53; PAUL TEYSSIER, *Histoire de la langue portugaise*. Paris (P.U.F.), 1980, p. 81. A transformação do ditongo [ēi] em [ãj] parece ter começado por ser um fenómeno próprio dos níveis sociais mais desprestigiados da capital, mas já em meados do século XIX a nova pronúncia tinha atingido um notável grau de implantação na fala das pessoas cultas. A antiga realização [ēi] mantêm-se, porém, não só na pronúncia carioca como, em geral, na pronúncia brasileira.

muito mais acentuado na Galiza do que na região portuguesa estudada. Aqui nota-se já uma relativa unidade linguística que contrasta com a variedade de formas encontradas naquela região.

Terminações -INU, -INA: Ao estudar o tratamento de *-n-* intervocálico nas palavras em que estava precedido de *i* tónico, analisarei separadamente as formas oferecidas pelos textos da Galiza e de Portugal, uma vez que há diferentes tipos de grafias nos documentos de uma e outra proveniência.

Começarei por indicar as formas que se encontram nos textos estudados da região entre o Douro e o Minho. As grafias correspondentes ao período mais antigo — século XIII e primeira metade do século XIV — são aquelas em que a vogal *i*, que precedia *-n-* intervocálico que se sincopou, aparece assinalada por um til: *Antoninho* (1331 M 156), *Ejpyō* (cf. «Johane Eanef, dicto *Ejpyō*») (1281 M 152) *Martio* (1303 M 153), *meyrio* (1281 M 151), *Sardia* («Johã Paez, dito *Sardia*») (1281 M 151), «Santa *Senhorã*» (top.) (1348 M 162), etc. A referida consoante perdeu-se, imprimindo carácter nasal à vogal anterior.

A partir dos primeiros anos do século XIV, as formas encontradas revelam já o desenvolvimento de uma consoante nasal palatal entre as duas vogais em hiato. Essa consoante é habitualmente representada pelo grafema composto *nh* (1): *camjnho* (1401 M 163; 1401 M 164) (2), *camjnhos* (1448 DL 147; 1454 DL 148), *camijnho* (1416 M 168), *Farynha* (cf. «Joham Elteueo, dito *Farynha*») (1416 M 168), *galinha* (1472 DL 149), *galinhas* (1315 DL 145), *lynho* (1484 DL 150), *Sam Martinho* (top.) (1472 DL 149), «San *Martinho* de Baulhy» (top.) (1348 M 162), *meyrinho* (1315 DL 145), «*Steueeynha* Gonçalluez» (1404 M 165), *Vjlarjnho* (top.) (1484 DL 150), *ujnho* (1448 DL 147; 1454 DL 148), *vijnho*, *vinho* (1404 M 165), *vinho* (1454 DL 148; 1345 M 161; 1404 M 165), *vijnho* (1448 DL 147; 1454 DL 148), *vynho* (1484 DL 150), etc.

Fixemos, em seguida, a nossa atenção sobre os documentos da Galiza. As grafias neles registadas são mais variadas do que as que se encontram nos documentos a sul do Minho e permitem algumas considerações de carácter cronológico de bastante interesse.

Em primeiro lugar, aparecem algumas formas — bastante raras, se se

---

(1) Sobre a época em que começou a usar-se o grafema composto *nh* para representar a nasal palatal, veja-se o que escrevi nas p. 490-493.

(2) Nestes dois documentos localizados em Cerdal, concelho de Valença, aparece também a grafia *camjñō*. Tratar-se-á de uma abreviatura de *camjnho*, forma também registada nos mesmos documentos, ou, pelo contrário, representará *camjño* ou *camjño*? Sob o ponto de vista fonético, não há diferença entre as três formas; a única diferença reside nos distintos grafemas que representam a nasal palatal.

atender ao grande número de documentos analisados — que reflectem a perda de *-n-* intervocálico: nuns casos, a nasalidade deixada sobre a vogal anterior é representada por um til (cf. «Martin *Bodío*», 1315 O 66; *gallias*, 1285 O 56; «San *Mart̃jo*», 1258 L 21; *meiriu*, 1299 P 116; *viz̃o*, 1289 P 105); noutros, surgem apenas as vogais em hiato, não existindo qualquer indício gráfico de nasalidade: *Jobrios* ‘sobrinhos’ (1), *uio*, *uío* ‘vinho’ (1296 P 110). Este último tipo de formas aparece apenas num documento da província de Pontevedra, localizado em Tebra, próximo da fronteira com Portugal. À primeira vista, seria possível interpretar estas formas como análogas às que existem actualmente em certas zonas do galego-asturiano, com perda de *-n-* e total desnasalização da vogal anterior (2). Contudo, o aparecimento, no mesmo texto, das formas *uia* ‘vinha’ (l. 6) e *uias*, *uiias* ‘vinhas’ (ll. 7, 14 e 18), provenientes de um étimo com o grupo *-nĭ-*, faz crer que em ambos os casos existia a nasal palatal (3).

Incomparavelmente mais numerosas são as formas cuja grafia assinala a nasal palatal desenvolvida entre as vogais em hiato. No que se refere à cronologia do fenómeno, os textos galegos oferecem materiais abundantes deste tipo de formas desde meados do século XIII, meio século antes do aparecimento nos documentos portugueses que estudei. Efectivamente, como veremos através das abonações a seguir apontadas, desde 1258 (cf. 1258 L 21) que há grafias inequívocas da existência da consoante palatal anti-hiática; pelo contrário, na região de Entre-Douro-e-Minho o mais antigo texto em que esta se regista é de 1315 (cf. 1315 DL 145). Além disso, as grafias do tipo *-iã*, *-iõ* ainda se encontram em documentos portugueses de meados do século XIV (cf. 1348 M 162), ao passo que, na Galiza, a única forma encontrada em data que transcende o século XIII se encontra registada num documento de princípios do século seguinte (cf. 1315 O 66). Esta comparação parece permitir concluir que o desenvolvimento da nasal palatal se consumou na Galiza mais cedo do que em Portugal, mesmo numa região tão intimamente aparentada com aquela como era a zona compreendida entre o Minho e

---

(1) No texto, esta forma aparece abreviada: *Jobr̃o*. No entanto, de acordo com outras formas registadas no mesmo documento e com a mesma terminação — cf. *uio*, *uío*, representando a evolução do étimo *VINU* — desdobrou-se a abreviatura em *Jobrios*.

(2) Cf. PILAR VÁZQUEZ CUESTA e M.<sup>a</sup> ALBERTINA MENDES LUZ, *ob. cit.*, vol. I, p. 103.

(3) Em documentos portugueses do século XIII aparecem também, por vezes, formas com queda de *-n-* e sem que a nasalidade da vogal anterior ou a consoante nasal palatal anti-hiática estejam representadas. Por outro lado, surgem também alguns exemplos de formas em que a nasal palatal resultante da evolução do grupo latino *-ni-* não aparece registada graficamente. Veja-se LUÍS F. LINDLEY CINTRA, *A linguagem dos foros de Castelo Rodrigo*. Lisboa (Publicações do Centro de Estudos Filológicos), 1959, p. 278-279 e n. 85. Cf. também p. 623 do presente trabalho.

o Douro (1). Seguem-se alguns exemplos da solução *-iño*, *-iña* em que a nasal palatal aparece representada por diferentes grafemas:

a) *n* (2): *cortinaf* ‘cortinhas’ (1329 C 9), *curtina* (1283 P 101), *Este-uayna* (1298 P 113; 1299 P 114), *Fonteyna* (top.) (1426 O 78), *galinaf* (1283 L 27), *galina* (1308 L 33; 1307 O 62; 1313 O 64), *lino* ‘linho’ (1281 O 55; 1285 O 56), *ljno* (1339 O 70), *moyno* (1474 L 47; 1290 O 58; 1360 O 73; 1473 O 83), «*Muyno* Uedro de Sfufao» (top.) (1289 P 105), *Nugeyrina* (top.) (1312 O 63), «*Samartino* de Nouëbro» (1286 L 28), *fobrina* (1282 P 100), *fobrinaf* (1281 O 55), *fobрино* (1274 O 53; 1281 O 55; 1290 O 58; 1348 O 71; 1299 P 114), *fobrinof* (1281 O 55), *toucino* (1283 L 27), *uino* (1281 O 55), *Vallino* (top.) (1287 P 103), *Villarino* (top.) (1262 C 2), *uino* (1283 L 27; 1290 O 58; 1302 O 60; 1307 O 62; 1271 P 94), *vino* (1282 C 6; 1316 L 36; 1274 O 53; 1287 O 57; 1322 O 67; 1360 O 73; 1372 O 75; 1473 O 85; 1473 O 88; 1299 P 117), *vizino* (1282 C 6), etc. Não pode excluir-se a possibilidade de algumas formas desta natureza poderem representar, sobretudo em textos de carácter tardio, castelhanismos, tendo, nesses casos, o grafema *n* o valor de nasal alveolar (3).

b) *ñ*: *biziño* (1500 O 90), *bjño* (1450 L 44; 1407 P 133), *camiño* (1310 L 34), *camjño* (1442 L 43), *cortiña* (1276 O 54), *curtiña* (1283 P 101), «*frey Grigorjo Farjña*» (1506 P 136), *liño* (1396 O 76), «*Santa Mariña*» (top.) (1276 O 54), «*Frey Pedro Mariño*» (1475 L 49), «*San Martiño*» (1276 O 54; 1333 P 131; 1506 P 136), *muyño* (1310 L 34; 1474 L 47; 1302 O 61), *moyños* (1316 L 36), *muyños* (1296 P 111), *fobriña* (1414 L 42), *fobriño* (1405 L 39; 1302 O 61), *sobriño* (1442 L 43; 1450 L 44), *uiño* (1302 O 61; 1314 O 65), *viño* (1459 L 46; 1276 O 54; 1285 O 56), *Ujlariño* (top.) (1292 O 59), etc. Desde o último terço do século XIII que aparece o grafema *ñ* na referida terminação; o seu emprego prolonga-se até ao século XVI. Ele representa, juntamente com *n*, a grafia mais frequente da nasal palatal nas terminações referidas.

c) *nn*: muito pouco representado, encontrei este grafema apenas em documentos do século XIII. Eis os exemplos recolhidos: *San Martinno* (1258 L 21), *vinno* (1282 C 6), *vinna* (1282 C 6), *vinnaf* (1282 C 6) (4).

---

(1) Também não pode pôr-se de parte a hipótese de, em Portugal, as antigas grafias terem sobrevivido até mais tarde, tendo a nasal palatal, já existente na pronúncia, demorado mais tempo a fixar-se na grafia.

(2) Sobre os grafemas utilizados para transcrever a nasal palatal, veja-se, atrás, p. 486-494.

(3) Desse modo interpreto, entre outras, a forma *camjno* registada no doc. 1474 L 47 e «*Juã Marjno*», «*Pedro Marjno*» no doc. 1475 L 48. Ambos os documentos estão profundamente afectados pela influência castelhana.

(4) Recorde-se o que, na p. 488 do presente trabalho, foi dito sobre o grafema composto *nn* em documentos da Galiza.

d) *nh*: grafema registado apenas nalguns documentos da província de Pontevedra: *Efteuaynha* (1299 P 114), *fobrinho* (1302 P 120), *vinho* (1302 P 120) (1).

Terminação -ONE: No que diz respeito ao tratamento de étimos latinos terminados em -ONE, predominam, nos documentos que estudei, formas em -ō (ou -on, -om) (2). Tanto nos documentos da Galiza como nos da região de Entre-Douro-e-Minho estão generalizadas estas formas ao longo de todo o período estudado: *auçō* 'acção, feito' (1351 C 13; 1419 P 134), *capō* (1407 L 40), *condiçō* (1367 C 14; 1306 L 31; 1335 L 37; 1405 L 39; 1407 L 40; 1453 L 45; 1339 O 70; 1367 O 74; 1432 P 135; 1506 P 136, etc.), *cōdiçō* (1313 DL 144; 1334 M 158; 1334 M 159; 1401 M 163; 1401 M 164; 1404 M 165), *com-diçom* (1472 DL 149), *condiçom* (1372 O 75), *condiçon* (1434 C 17; 1426 O 78; 1333 P 131), *condictiom* (1262 C 2), *cōdjson* (1385 C 15), *cōffiffō* (1411 M 167), *conpo fiξō* (1281 P 99), *contradiçō* (1317 P 126), *coraçō* (1308 L 33), *coraçō* (1299 P 115), *defensom* (1331 M 157), *doaçō* (1296 P 109; 1299 P 114; 1419 P 134; 1303 M 153; 1317 M 154; 1348 M 162, etc.), *dōaçom* (1302 P 121), *doaçon* (1434 C 17; 1450 L 44; 1292 O 59; 1302 P 122; 1303 M 153), *doaçom* (1448 DL 147), *iurdiçon* (1303 M 153), *leō* (1302 O 61), *maldiçō* (1348 O 71; 1348 O 72), *maldiçon* (1450 L 44), *maldjçom* (1295 P 108), *maldizō* (1278 L 25), *rrazō* (1280 P 97; 1290 P 106; 1506 P 136, etc.), *razō* (1283 L 27; 1308 L 33; 1310 L 34; 1315 O 66; 1281 P 99; 1299 P 114; 1305 P 123; 1317 P 125; 1322 P 129; 1345 DL 146; 1317 M 154; 1331 M 156; 1334 M 158; 1334 M 159; 1335 M 160; 1411 M 167), *raçom* 'ração' (1404 M 165), etc. (3).

O galego actual conserva ainda esta terminação, tendo-se apenas a nasalidade da vogal transformado em nasalidade velar: *botón*, *melón*, etc. Pelo

---

(1) Sobre o emprego do grafema *nh* em textos da Galiza, veja-se o que escrevi nas p. 490-492.

(2) À semelhança do que já foi dito relativamente à terminação -ANE (cf. p. 585), suponho que, também neste caso, se deve ter sincopado a consoante intervocálica, resultando formas em -ōe. Parece atestar essa evolução a antiga forma toponímica *Fondōe*, registada num documento do século XIII (1269 C 4) e correspondente à forma moderna *Fondón*. Sobre a proveniência de topónimos com esta terminação a partir de aumentativos ou de apelativos, veja-se A. MORALEJO LASO, *Sobre grafía y pronunciación de los topónimos gallegos*. In: *Verba. Anuario Gallego de Filología*, vol. 4, 1977, p. 38. O artigo é a continuação de outro com o mesmo título publicado no vol. 3 da mesma revista. Ambos foram incluídos, na colectânea do Autor, *Toponimia gallega y leonesa*. Santiago de Compostela (Editorial Pico Sacro), 1977, p. 273-336.

(3) Pelo facto de se tratar de formas generalizadas em todas as regiões e épocas abrangidas por este estudo, não pretendeu ser exaustiva a indicação das formas nem a sua localização. Tentou-se apenas exemplificar o tratamento acima referido.

que diz respeito aos falares portugueses da região compreendida entre o Douro e o Minho, actualmente encontra-se, em geral, o ditongo nasal *-õu* (*-õum*), que é o resultado da evolução da vogal nasal final. Aliás, Leite de Vasconcelos assinalou ainda a conservação da fase mais antiga em várias povoações do Alto Minho (1).

Como particularidade de alguns textos localizados em Vairão, concelho de Vila do Conde, há a considerar, a partir de meados do século xv, a existência de algumas formas terminadas em *-ã*: *cõdiçã* (1454 DL 148), *condiçã* (1454 DL 148), *cõdjã* (1484 DL 150), *condiçam* (1448 DL 147), *penffam* (1448 DL 147), *Refureyçã* (1472 DL 149) (2), *tabaliam* (1448 DL 147), *tabelliam* (1484 DL 150), *taballyã* (1454 DL 148) (3). Talvez seja interessante frisar que formas deste tipo só ocorrem no extremo meridional da região estudada e em data relativamente tardia. Muito provavelmente as grafias *-ã* ou *-am* eram processos de representar o ditongo *-ão*. Efectivamente, no *Cancioneiro Geral* a grafia *-am* tem o valor de *-ão*, representando não somente a terminação *-ão* proveniente de *-ANU*, mas também as antigas terminações *-ã* e *-õ*, resultantes respectivamente da evolução das terminações latinas *-ANE* e *-ONE* (4). Nos textos poéticos, em virtude da rima, não é difícil afirmar que seria esse o valor de *-ã*, mas grafias análogas aparecem em documentos oficiais da mesma época (5). Daí parece poder concluir-se que, pelo menos na língua culta e nalgumas variedades regionais, a convergência das três terminações nasais referidas já nessa época se verificava (6).

---

(1) Veja-se J. LEITE DE VASCONCELOS, *Linguagem popular de Parada do Monte*. In: *Opúsculos*, vol. II: Dialectologia. Coimbra (Imprensa da Universidade), 1928, p. 303 e 304; IDEM, *Linguagem popular do concelho de Melgaço*. In: *ob. cit.*, p. 310-311, 317 e 321; IDEM, *Linguagem popular de Monção*. In: *ob. cit.*, p. 397-398.

(2) A forma aparece na expressão *dia de Pascoa da Refureyçã*.

(3) O que se passou com as formas *taballyã*, *tabaliam*, *tabelliam* é um pouco diferente do que aconteceu com as restantes formas acima citadas, pois nesse caso pode tratar-se de uma influência análoga exercida pela palavra *escrivan*. Essa explicação dada por José Inês Louro parece aceitável, uma vez que também o plural passou a terminar em *-ães*. Veja-se JOSÉ INÊS LOURO, *Origem e flexão dalguns nomes portugueses em -ão*. In: *Boletim de Filologia*, tomo XIII, 1952, p. 42. Sobre o étimo da palavra *escrivão*, veja-se, contudo, n. 3 da p. 584. No que se refere a *tabelião*, o étimo é o latim *TABELLIONE-* e as formas documentadas em textos portugueses do período mais antigo terminam sempre em *-õ* (ou *-om*). A esse propósito, veja-se STEPHEN PARKINSON, *Os tabeliães, o seu título e os seus documentos*. In: *Boletim de Filologia*, tomo XXV, 1976-1979, p. 185-212, mas especialmente anexo 4.

(4) Cf. J. LEITE DE VASCONCELOS, *Lições de filologia portuguesa*. 4.<sup>a</sup> ed., Rio de Janeiro (Livros de Portugal), 1966, p. 132-133.

(5) IDEM, *ob. cit.*, p. 133.

(6) Aliás, há já exemplos isolados anteriores — a partir do século XIII — que provam que, pelo menos nalgumas palavras, a convergência das terminações nasais tinha já começado a verificar-se. Recorde-se o que foi dito na nota 3 da p. 593.

Se não é fácil apontar com segurança a região onde a referida convergência começou a fazer-se sentir, pode, pelo menos, afirmar-se que o seu foco de origem e de difusão não foram as variedades idiomáticas compreendidas entre o Minho e o Douro, pois aí ocorreu, desde cedo, a propagação da terminação *-õ* às outras finais nasais. Já atrás (1) se fez referência à absorção de *-ã* (< *-ANE*) por *-õ* nos falares dessa zona, pelo menos a partir do século xv. Aliás, no século xvi, quando no português literário e na língua culta do Centro do País já as três terminações se tinham uniformizado em *-ão* (2), a pronúncia *-õ* era tida pelos gramáticos da época como característica da região interamnense (3).

Como se explica, então, a presença das formas atrás citadas em documentos de Vairão de meados do século xv? Tratar-se-á de vestígios da penetração na linguagem dessa zona da convergência das três terminações nasais de diferente proveniência etimológica ou esse fenómeno pertenceria apenas nessa época à linguagem dos notários que escreveram os textos em que aparecem as formas em questão? Não dispomos dos elementos necessários para responder de maneira definitiva: faltam-nos informações sobre a naturalidade dos notários, locais de residência, viagens, etc. Os quatro textos em que aparecem as referidas formas — 1448 DL 147, 1454 DL 148, 1472 DL 149 e 1484 DL 150 — foram escritos apenas por três notários diferentes que, muito provavelmente, não eram naturais da região ou que, pelo menos, conheciam aquilo que já na época constituía uma norma fonética que não era a desta zona. De Brás Martins, diz-se, no primeiro documento citado, que era «uassallo del Rey noffo Senhor e sseu taballjõ no dito julgado [da Maya]» e no segundo, ou seja, 1454 DL 148, informa-se que era «uassallo del Rey noffo senhor e sseu taballyã na dita çidade [do Porto] e julgado [da Maya]». O notário do documento 1472 DL 149 foi «Dieguo Gonçalluez» de que se informa que era «escudeyro e amo do Jfante dom Fernando, meu senhor, (...) e notayro ppublico jeerall por El Rey noffo Senhor em todos feus rregnos e senhorio». E, por fim, no último texto cujo notário foi «Joham de Basto» diz-se que era «escudejro z bafallo dell rey nofo senhor z seu tabeliam ppublico ã ho dito julgado da Maya z no julgado de Zurara». Parece-me, portanto, muito provável que os três notários não fossem naturais dessa zona e que, conseqüentemente, o fenómeno linguístico em questão não pertencesse à linguagem da região estudada (4).

(1) Veja-se o que escrevi nas p. 585-587.

(2) Veja-se p. 586 e n. 2.

(3) Cf. n. 3 da p. 586, onde se transcreve um texto de Duarte Nunes de Leão extraído da *Orthographia da lingua portvgvesa*.

(4) Ou, pelo contrário, deverá concluir-se que os notários já não distinguiam as terminações *-ã* e *-õ*, representantes respectivamente de *-ANE* e *-ONE*? Efectivamente, nalguns

Nos documentos da Galiza aparece um exemplo de *-am* (cf. *prouifam*, 1302 P 120), facto tanto mais surpreendente quanto se mantém no galego actual a antiga terminação (1). Parece-me absolutamente necessário ter presente que os textos escritos por Pedro Martins, notário de Castelo de Tebra, no Sul da província de Pontevedra, revelam outras particularidades gráficas e linguísticas características dos textos escritos em Portugal. Como vimos atrás (2), aí aparecem também as grafias *nh* e *lh* para representar respectivamente a nasal palatal e a lateral palatal. Parece, pois, que o referido notário devia estar familiarizado com textos portugueses.

Como noutros momentos foi salientado, os textos da Galiza caracterizam-se, relativamente aos de Portugal, por uma maior riqueza de possibilidades não só gráficas, mas também fonéticas, estas últimas como consequência da falta de uma unidade linguística que sempre caracterizou a região. Também relativamente às formas que nos ocupam, além dos resultados acima indicados, os documentos galegos oferecem ainda outras variantes. Em primeiro lugar, algumas formas terminadas em *-ũ* que aparecem em documentos do século XIII das províncias de Lugo e de La Coruña: *condizũ*, *corazũ*, *dõazũ*, etc. (3). De acordo com o que acima (4) foi exposto, trata-se possivelmente apenas de variantes gráficas e não de formas da linguagem falada. Além disso, surge ainda uma forma com desnasalização da vogal final, fenómeno ainda hoje característico do falar minhoto (5): *beenço* 'bênção' (1281 O 55). Por fim, não faltam também alguns castelhanismos, frequentes sobretudo em textos do século XV e XVI: *condjcion* (1502 L 51), *condiçõ* (1500 O 90), *contradjcion* (1502 L 51), *cumutaçiõ* (1500 O 90), *deliberaçiõ* (1506 P 136), *excepçion* (1502 L 51), *obligaçion* (1497 L 50), etc.

No que se refere às formas de plural, os resultados da Galiza e de Portugal são coincidentes até ao século XV: a partir de então, os documentos a norte do Minho revelam resultados muito peculiares, que anunciam já as diferentes soluções do galego actual. A sul do Minho, onde a língua não

---

textos em que aparecem formas em *-ã* (<-ONE) surgem também formas terminadas em *-om* (<-ANE): cf., por ex., no doc. 1472 DL 149 *Refureyçã* e *Vayrom* e, no doc. 1448 DL 147, *condiçam* ao lado de *pom*. Não há dúvida de que as formas apontadas em *-om* são indicio da confusão que já se verificaria na linguagem local entre as diferentes terminações nasais. Contudo, a terminação *-ã* pode interpretar-se como representação gráfica do ditongo final *-ão* de acordo com a norma ortográfica de outras regiões portuguesas.

(1) No galego actual a vogal vai seguida de nasalidade velar: por ex., *razón* [rãθón].

(2) Veja-se o que foi dito nas p. 490-493 e 500.

(3) Sobre estas e outras formas idênticas e respectiva localização, veja-se p. 391.

(4) Veja-se a tentativa de explicação dada nas p. 392-396.

(5) Cf. J. LEITE DE VASCONCELOS, *Esquisse d'une dialectologie portugaise*. 2.<sup>a</sup> edição, Lisboa (Centro de Estudos Filológicos), 1970, p. 88.

sofreu, sob este aspecto, evolução sensível, os documentos continuam a revelar de modo regular e constante os mesmos tipos de formas.

Começemos por analisar os resultados que são comuns aos textos de Portugal e da Galiza. As formas mais representadas são aquelas em que, ao perder-se *-n-* intervocálico, a vogal anterior adquiriu nasalidade, graficamente representada por til: *capões* (1276 O 54; 1301 P 118; 1403 P 132; 1334 M 158), *cõdições* (1396 O 76; 1348 M 162), *condições* (1300 C 8; 1450 L 44; 1360 O 73; 1301 P 118), *condiçõeſ* (1339 O 70), *cõdiçõeſ* (1312 O 63; 1313 O 64) (1), *defenções* (1434 C 17), *deuições* (1434 C 17), *djuifões* (1473 O 81), *diuifões* (1473 O 82), *doaçõeſ* (1299 P 114), *doações* (1318 P 127), *oblições* (1414 L 42), *oraçõeſ* (1302 O 61), *petições* (1345 DL 146), *poſifões* (1345 M 161), *poſfysões* (1405 L 39), *rrazões* (1434 C 17), etc.

Noutros casos, falta na terminação a representação gráfica da nasalidade, ocorrendo as formas deste tipo em textos compreendidos entre o século XIII e o século XV: *capoes* (1484 DL 150), *condiçoes* (1372 O 75), *cõdiçoes* (1424 O 77; 1426 O 78), *condiçoes* (1484 DL 150), *defẽſfoeſ* (1302 L 30), *diuifoes* (1473 O 84), *diuifoeſ* (1265 C 3), *penfoes* (1335 M 160), *poſifoes* (1450 L 44), *poſfiçoeſ* (1289 P 105), *quinoeſ* (1274 L 24), *raçoeſ* (1302 L 30), *rraçoeſ* (1302 P 120), *raçoes* (1333 P 131). Relativamente a estas formas, põe-se o problema de saber se a omissão da nasalidade era apenas gráfica ou se, pelo contrário, correspondia a um fenómeno da língua falada. A questão põe-se exclusivamente em relação às formas da Galiza, uma vez que aí, nalguns casos, ocorreu o fenómeno de desnasalização das vogais nasais e algumas das formas do galego actual podem considerar-se o resultado de um desenvolvimento posterior desse tratamento caracterizado pela perda da nasalidade. Efectivamente, a solução do galego setentrional em *-ós* e a do galego oriental em *óis* parecem representar diferentes vias de evolução da terminação *-oes*. Contudo, o facto de as grafias em questão aparecerem também em documentos de Portugal, sendo até muito frequentes (2), não nos permite esclarecer de modo definitivo esse problema (3).

Durante o século XV, aparecem algumas grafias com geminação de uma das vogais. O valor dessas formas gráficas está sobretudo em revelar, de

---

(1) No documento 1459 L 46, muito afectado pela influência castelhana, regista-se *condiçõeēs*, forma resultante de uma contaminação entre a forma galego-portuguesa e a castelhana.

(2) Cf. LUÍS F. LINDLEY CINTRA, *Les anciens textes portugais non littéraires. Classement et bibliographie*. In: *Les anciens textes romans non littéraires. Leur apport à la connaissance de la langue au moyen âge*. Colloque international organisé par le Centre de Philologie et de Littératures Romanes de l'Université de Strasbourg du 30 janvier au 4 février 1961. Paris (Librairie C. Klincksieck), 1963, p. 179.

(3) Veja-se, porém, o que adiante se dirá nas p. 607-608.

- VEIGA ARIAS, Amable — *Fonología gallega. Fonemática: el sistema consonántico. III.* In: *Grial*, n.º 32, 1971, p. 155-162.
- VEIGA ARIAS, Amable — *Fonología gallega. Fonemática: el sistema consonántico. IV.* In: *Grial*, n.º 37, 1972, p. 281-291.
- VENDRYES, Joseph — *Le langage. Introduction linguistique à l'histoire.* Paris (Éditions Albin Michel), 1968. — Na elaboração do presente trabalho interessaram sobretudo as p. 343-372 (Cinquième partie: L'écriture).
- VERA, Álvaro Ferreira de — *Orthographia ou modo para escrever certo na lingua portuguesa. Com hvm tratado de memoria artificial; outro da muita semelhança, que tem a lingua portuguesa com a latina.* In: *Obras varias.* Lisboa (Per Mathias Rodríguez), 1631.
- VERNEY, Luís António — *Verdadeiro método de estudar.* Edição organizada por António Salgado Junior. Vol. I (Estudos linguísticos), Lisboa (Livraria Sá da Costa Editora), 1949.
- VIANA, A. R. Gonçalves — *Essai de phonétique et de phonologie de la langue portugaise d'après le dialecte actuel de Lisbonne.* 1.ª edição, Paris, 1883; 2.ª edição, separ. do *Boletim de Filologia*, tomo VII, fasc. 2, 1941.
- VIANA, A. R. Gonçalves — *Exposição da pronúncia normal portuguesa para uso de nacionais e estrangeiros.* Lisboa (Imprensa Nacional), 1892.
- VIANA, A. R. Gonçalves — *Fonologia histórica portuguesa. I. O s diferenciado do ç ao sul do Tejo no século XII.* In: *Revista Lusitana*, vol. II, 1890-1892, p. 332-338.
- VICENTE, Gil — *Obras completas.* Coordenação do texto, introdução, notas e glossário de Álvaro Júlio da Costa Pimpão. Porto (Livraria Civilização), 1962.
- VICETTO, Benito — *Historia del siglo XV en Galicia.* Buenos Aires (Editorial Nova), 1944.
- Vidas de santos de um manuscrito alcobacense. (Coleção mística de Fr. Hilário da Lourinhã, Cod. Alc. CCLXVI/ANTT 2274).* Edição dirigida por Ivo Castro. Lisboa (Centro de Estudos Geográficos. Instituto Nacional de Investigação Científica), 1985.
- VIDOS, B. E. — *Manual de lingüística románica.* Madrid (Aguilar), 1963.
- VILLA-AMIL Y CASTRO, José — *Iglesias gallegas de la Edad Media.* Madrid (Imprenta de San Francisco de Sales), 1904.
- VILLARES, R. — ver: BERMEJO, J. C.
- VITERBO, Fr. Joaquim de Santa Rosa de — *Elucidário das palavras, termos e frases que em Portugal antigamente se usaram e que hoje regularmente se ignoram.* Edição crítica baseada nos manuscritos e originais de Viterbo, por Mário Fiúza. 2 vols., Porto e Lisboa (Livraria Civilização), 1962 e 1966.
- Vocabulario gallego del siglo XIX.* Publicado por José Luís Pensado. In: *Homaxe a Ramón Otero Pedrayo.* Vigo (Galaxia), 1958.
- WILLIAMS, Edwin B. — *From Latin to Portuguese. Historical Phonology and Morphology of the Portuguese Language.* 2.ª ed., Philadelphia (University of Pennsylvania Press), 1968.
- WILLIAMS, Edwin B. — *The Portuguese Final -ão.* In: *Language*, vol. IX, 1933, p. 202-206.
- WITTING, Claes — *Phone et phonème, graphe et graphème.* In: *Studia Neophilologica*, vol. XXXII, 1960, p. 320-326.
- XOVE FERNÁNDEZ, Xosé — ver: *Galego.* Artigo incluído na *Gran Enciclopedia Gallega.*
- YNDURÁIN, Francisco — *Contribución al estudio del dialecto navarro-aragonés antiguo.* Zaragoza, 1945.
- YNDURÁIN, Francisco — *Relaciones entre la Filología y la Historia.* In: *La reconquista española y la repoblación del país.* Conferencias del Curso celebrado en Jaca en

- Agosto de 1947. Zaragoza (Consejo Superior de Investigaciones Científicas. Escuela de Estudios Medievales), 1951, p. 233-241.
- ZAMORA VICENTE, Alonso — *De geografla dialectal: -ao, -an en gallego*. Separ. de *Nueva Revista de Filología Hispánica*, ano VII, 1953, n.ºs 1-2, p. 73-80. — Incluído recentemente no volume em que se reúnen os trabalhos dialectolóxicos do Autor, *Estudios de dialectología hispánica*. Anexo 25 de *Verba*. *Anuario Galego de Filoloxía*. Santiago de Compostela, 1986, p. 27-34.
- ZAMORA VICENTE, Alonso — *Dialectología española*. Segunda edición muy aumentada. Madrid (Editorial Gredos), 1974.
- ZAMORA VICENTE, Alonso — *Estudios de dialectología hispánica*. Anexo 25 de *Verba*. *Anuario Galego de Filoloxía*. Universidade de Santiago de Compostela, 1986.
- ZAMORA VICENTE, Alonso — *La frontera de la geada*. Separ. de *Homenaje a Fritz Krüger*, tomo I, Mendoza, 1952, p. 56-72. — Trabalho recentemente incluído no volume *Estudios de dialectología hispánica*. Anexo 25 de *Verba*. *Anuario Galego de Filoloxía*. Santiago de Compostela, 1986, p. 11-25.
- ZAMORA VICENTE, Alonso — *Geografía del seseo gallego*. Separ. de *Filología*, tomo III, n.ºs 1-2, 1951, p. 84-95. — Incluído recentemente no volume em que se reúnen os trabalhos dialectolóxicos do Autor, *Estudios de dialectología hispánica*. Anexo 25 de *Verba*. *Anuario Galego de Filoloxía*. Santiago de Compostela, 1986, p. 1-10.
- ZAMORA VICENTE, Alonso — *Los grupos -uit-, -oit- en gallego moderno. Su repartición geográfica*. In: *Boletín de Filología*, tomo XXI, 1963, p. 57-68. — O artigo foi incluído no volume *Estudios de dialectología hispánica*. Anexo 25 de *Verba*. *Anuario Galego de Filoloxía*. Santiago de Compostela, 1986, p. 35-44.
- ZELLMER, Ernst — *Geschichte des konjugierten Infinitivs im älteren Portugiesisch*. II. Pössneck (Fr. Gerold Verlag), 1939.

#### REVISTAS (1)

*Alfa*. Marília.

*Anais da Academia Portuguesa da História*. Lisboa.

*Anales de la Universidad de Chile*. Santiago de Chile.

*Annali dell'Istituto Universitario Orientale. Sezione Romanza*. Napoli.

*Anuari de l'Oficina Romànica de Lingüística i Literatura*. Barcelona.

*Anuario de Estudios Medievales*. Barcelona.

*Anuario de Historia del Derecho Español*. Madrid.

*Archivo de Filología Aragonesa*. Zaragoza.

*Archivo Historico Portuguez*. Lisboa.

*Archivos Leoneses. Revista de Estudios y Documentación de los Reinos Hispano-Occidentales*. León.

*Archivum*. Oviedo.

*Arquivos do Centro Cultural Português*. Paris.

---

(1) A indicação dos volumes e artigos consultados figura na bibliografía atrás apresentada.

*Aufsätze zur Portugiesischen Kulturgeschichte. Portugiesische Forschungen der Görresgesellschaft.* Münster.

*Biblos.* Coimbra.

*Boletim da Segunda Classe.* Academia Real das Ciências. Lisboa.

*Boletim de Filologia.* Lisboa.

*Boletim Internacional de Bibliografia Luso-Brasileira.* Fundação Calouste Gulbenkian. Lisboa.

*Boletín de la Real Academia de la Historia.* Madrid.

*Boletín de la Real Academia Española.* Madrid.

*Boletín de la Real Academia Gallega.* La Coruña.

*Boletín de la Universidad de Santiago.* Santiago de Compostela.

*Boletín del Instituto de Estudios Asturianos.* Oviedo.

*Brotéria.* Lisboa.

*Bulletin des Études Portugaises et Brésiliennes.* Lisboa e Paris.

*Bulletin Hispanique.* Bordeaux.

*Cahiers de Linguistique Hispanique Médiévale.* Paris.

*Cahiers de Linguistique Théorique et Appliquée.* București.

*Convivium.* Torino.

*Cuadernos de Estudios Gallegos.* Santiago de Compostela.

*Cultura Neolatina.* Modena (Itália).

*Dialectes (Les) Belgo-Romans.* Bruxelles.

*Douro Litoral.* Porto.

*Estudis Romànics.* Barcelona.

*Folia Linguistica. Acta Societatis Linguisticae Europæ.* The Hague (Holanda).

*Galicia Histórica.* Santiago de Compostela.

*Grial.* Vigo.

*Gutenberg, Revista de las Artes Gráficas.* Madrid.

*Hispanic Review.* Philadelphia.

*Ibérica. Revista de Filologia.* Rio de Janeiro.

*Iheromania.* Neue Folge. München.

*Language.* Baltimore.

*Lingua e Stile.* Bologna.

*Minerva.* Paraná (Brasil).

*Museo (El) de Pontevedra.* Pontevedra.

*Nueva Revista de Filología Hispánica.* México.

*Philologica Pragensia.* Praha (Checoslováquia).

*Pívneos. Revista del Instituto de Estudios Pirenaicos.* Zaragoza.

*Quaderni dell'Istituto di Glottologia.* Bologna.

*Revista.* Instituto "José Cornide" de Estudios Coruñeses. La Coruña.

*Revista Brasileira de Filologia.* Rio de Janeiro.

*Revista de Administración Galega.* Santiago de Compostela. (O vol. I apareceu a público em Junho de 1985).

*Revista de Dialectología y Tradiciones Populares.* Madrid.

*Revista de Filología Española.* Madrid.

*Revista de Filología Hispánica.* Buenos Aires.

*Revista de Filología Románica.* Universidad Complutense de Madrid.

*Revista de Guimarães.* Guimarães.

*Revista de Letras.* Curitiba.

*Revista Lusitana.* Porto e Lisboa. Desta revista, fundada e dirigida por Leite de Vasconcelos, de que se publicaram trinta e oito volumes, o último dos quais em 1941,

saiu, em 1981, uma nova série, dirigida por Luís F. Lindley Cintra e editada pelo Centro de Estudos Geográficos de Lisboa, de que estão publicados quatro volumes.

*Revista de Portugal. Série A — Lingua Portuguesa.* Lisboa.

*Revista Portuguesa de Filologia.* Coimbra.

*Revista Portuguesa de História.* Coimbra.

*Revue de Dialectologie Romane.* Bruxelles.

*Revue de Linguistique Romane.* Strasbourg.

*Rivista Italiana di Dialettologia.* Bologna.

*Romania.* Paris.

*Romance Philology.* Berkeley e Los Angeles (E.U.A.).

*Romanica.* La Plata (Argentina).

*Romanische Forschungen.* Erlangen, Frankfurt am Main.

*Romanistisches Jahrbuch.* Hamburg.

*Senara. Revista de Filología.* Vigo.

*Studia Neophilologica.* A Journal of Germanic and Romance Philology. Uppsala.

*Thesaurus, Boletín del Instituto Caro y Cuervo.* Bogotá (Colômbia).

*Travaux de Linguistique et de Littérature.* Strasbourg.

*Verba. Anuario Gallego de Filología.* Santiago de Compostela. (A partir do vol. 5.º, passou a designar-se *Verba. Anuario Galego de Filoloxía*).

*Via Domitia.* Toulouse.

*Volkstum und Kultur der Romanen.* Hamburg.

*Vox Romanica.* Bern.

*Word.* Linguistic Circle of New York. New York.

*Zeitschrift für Romanische Philologie.* Tübingen.

## CORRIGENDA

p. 158-160 e 160-161: os documentos n.ºs 71 e 72, localizados em “terra de Camba” deveriam figurar no grupo de documentos da Província de Pontevedra. Corrija-se, por esse motivo, a indicação fornecida na p. 160, l. 8-9: *Camba*, l. 26, refere-se à antiga jurisdição com esse nome situada na actual província de Pontevedra.

p. 164: o topónimo Ramirás ou Ramiranes citado refere-se a San Pedro de Ramiranes, no município de Ramiranes, partido judicial de Celanova, província de Orense.

## ÍNDICE GERAL

	<i>Págs.</i>
<i>Prefácio</i> . . . . .	IX-XIV
Esclarecimentos prévios . . . . .	XV
INTRODUÇÃO . . . . .	1-17
<b>CAPÍTULO I. EDIÇÃO DE ANTIGOS TEXTOS GALEGO-PORTUGUESES</b>	<b>19-295</b>
1. Normas de transcrição . . . . .	19-33
<i>a)</i> Indicações genéricas . . . . .	21-24
<i>b)</i> Elementos de carácter paleográfico . . . . .	24-29
<i>c)</i> Abreviaturas . . . . .	29-32
<i>d)</i> Pontuação . . . . .	32-33
<i>e)</i> Acentuação . . . . .	33
2. Localização dos documentos . . . . .	33-35
3. A presente edição . . . . .	35-295
Galiza. Documentos 1-136 . . . . .	41-245
Província de La Coruña. Documentos 1-18 . . . . .	41-67
Província de Lugo. Documentos 19-51 . . . . .	68-127
Província de Orense. Documentos 52-90 . . . . .	128-180
Província de Pontevedra. Documentos 91-136 . . . . .	181-245
Portugal (região de Entre-Douro-e-Minho). Documentos 137-168	246-295
Província do Douro Litoral. Documentos 137-150 . . . . .	246-268
Província do Minho. Documentos 151-168 . . . . .	269-295
<b>CAPÍTULO II. ESTUDO LINGUÍSTICO</b> . . . . .	<b>297-882</b>
<b>Parte I. Fonética e fonologia</b> . . . . .	<b>297-507</b>
1. Grafemas e fonemas. Algumas considerações de carácter geral.	297-300
2. Grafemas e fonemas em textos da Galiza e de Portugal desde o século XIII ao século XVI. Inventário dos grafemas utilizados . . . . .	300-308
3. Tentativa de interpretação dos grafemas. Determinação do valor fónico e fonológico de cada um dos grafemas . . . . .	308-507
<i>A.</i> Grafemas de referência vocálica . . . . .	310-427
<i>a)</i> Estudo de <i>A</i> . . . . .	310-339
1. Em posição tónica . . . . .	310-327
2. Em posição átona . . . . .	327-339
<i>b)</i> Estudo de <i>E</i> . . . . .	339-381
1. Em posição tónica . . . . .	339-355
2. Em posição átona . . . . .	355-381

	Págs.
c) Estudo de <i>O</i> . . . . .	382-420
1. Em posição tónica . . . . .	382-396
2. Em posição átona . . . . .	396-420
d) Estudo de <i>i</i> , <i>y</i> , <i>j</i> e <i>h</i> . . . . .	421-424
e) Estudo de <i>n</i> e <i>v</i> . . . . .	425-427
<b>B. Grafemas de referência consonântica</b> . . . . .	427-507
a) Estudo dos grafemas que representam as oclusivas surdas (/p/, /t/, /k/) . . . . .	428-431
b) Estudo dos grafemas que representam as oclusivas sonoras (/b/, /d/, /g/) . . . . .	431-438
c) Estudo dos grafemas que representam as africadas e fricativas alveolares (/ʃ → /s/; /ʒ/ → /z/; /ʂ/ e /ʐ/) . . . . .	438-468
d) Estudo dos grafemas que representam as africadas e fricativas pré-palatais /č/, /š/, e /ǰ/ → /ž/) . . . . .	468-472
e) Estudo dos grafemas que representam a fricativa lábio-dental /f/ e a fricativa bilabial /b/ . . . . .	472-485
f) Estudo dos grafemas que representam as consoantes nasais (/m/, /n/ e /ɲ/) . . . . .	485-494
g) Estudo dos grafemas que representam as consoantes laterais (/l/; /ʎ/) . . . . .	494-500
h) Estudo dos grafemas que representam as consoantes vibrantes (/r/; /r̄/) . . . . .	500-501
4. Alterações ocorridas no sistema consonântico durante o período estudado . . . . .	501-507
<b>Parte II. Fonética histórica</b> . . . . .	508-643
<b>Vocalismo</b> . . . . .	508-568
1. <i>ē</i> e <i>ō</i> latinos . . . . .	508-512
2. <i>ē</i> e <i>ī</i> latinos . . . . .	512-517
3. <i>ō</i> e <i>ū</i> latinos . . . . .	517-519
4. Vogais finais . . . . .	519-528
5. Vogais pretónicas . . . . .	528-534
6. Os ditongos decrescentes <i>ei</i> , <i>ou</i> , <i>oi</i> e <i>qi</i> . . . . .	534-568
<b>Consonantismo</b> . . . . .	568-643
1. <i>-l-</i> e <i>-n-</i> intervocálicos . . . . .	568-615
2. <i>g<sup>e</sup></i> , <i>i</i> inicial . . . . .	615-617
3. <i>pl</i> , <i>kl</i> , <i>fl</i> iniciais ou mediais . . . . .	617-620
4. Grupo <i>dj</i> . . . . .	620-623
5. Grupo <i>-nj-</i> . . . . .	623-625
6. <i>-lj-</i> , <i>g'l</i> . . . . .	625-628
7. Grupo <i>-sj-</i> . . . . .	628-630
8. Grupos românicos <i>b'd</i> , <i>d'g</i> e <i>d'm</i> . . . . .	630-633
9. Grupos <i>-kt-</i> e <i>-<sup>u</sup>lt-</i> . . . . .	633-635
10. Grupo <i>-gn-</i> . . . . .	635-636
11. Palavras provenientes de étimos latinos terminados em <i>-minem</i> . . . . .	636-640
12. Grupos <i>ku</i> e <i>gu</i> . . . . .	641-643

	Págs.
<b>Parte III. Morfo-sintaxe</b> . . . . .	644-882
1. O artigo definido . . . . .	644-651
2. O nome . . . . .	652-662
<i>A.</i> Substantivo . . . . .	652-661
<i>B.</i> Adjectivo . . . . .	661-662
3. Pronomes pessoais . . . . .	662-675
4. Pronomes possessivos . . . . .	675-682
5. Pronomes demonstrativos . . . . .	683-693
6. Pronomes relativos . . . . .	693-697
7. Pronomes indefinidos . . . . .	698-713
8. Numerais . . . . .	713-723
9. Verbos . . . . .	723-855
<i>A.</i> Considerações de carácter geral . . . . .	723-769
<i>a)</i> Conjugações . . . . .	723-731
<i>b)</i> Verbos incoativos . . . . .	732
<i>c)</i> Apócope de <i>-e</i> . . . . .	732-733
<i>d)</i> O sufixo <i>-des</i> da segunda pessoa do plural . . . . .	734-738
<i>e)</i> As terminações da terceira pessoa do plural . . . . .	738-742
<i>f)</i> O perfeito e tempos afins . . . . .	742-749
<i>g)</i> O particípio passado . . . . .	749-754
<i>h)</i> O infinitivo flexionado . . . . .	754-769
<i>B.</i> Particularidades da flexão de alguns verbos . . . . .	769-855
10. Preposições . . . . .	855-862
11. Advérbios e locuções adverbiais . . . . .	862-873
12. Conjunções e locuções conjuntivas . . . . .	873-882
<b>CAPÍTULO III. CONCLUSÕES</b> . . . . .	883-954
1. A comunidade linguística galego-portuguesa . . . . .	883-891
2. A linguagem dos documentos notariais da Galiza e de Portugal . . . . .	892-935
<i>a)</i> Algumas tendências que dominam nos documentos da Galiza. Polimorfismo. Arcaísmo. Influência castelhana. . . . .	892-905
<i>b)</i> Variação regional no interior da área linguística galego-portuguesa . . . . .	905-935
3. Sistemas de escrita regionais. Algumas diferenças entre a grafia dos documentos da Galiza e de Portugal . . . . .	935-949
4. Valor dos documentos não literários como fontes de informação para o conhecimento da língua na Idade Média. Língua escrita dos documentos notariais e língua falada na região . . . . .	949-954
<b>BIBLIOGRAFIA</b> . . . . .	955-1001
<b>ADDENDA ET CORRIGENDA</b> . . . . .	1003-1004
<b>ÍNDICE GERAL</b> . . . . .	1005-1007